UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

As intervenções editoriais nas Examinações de Anne Askew

Thalyta Valéria Castro de Oliveira Lucena

Brasília, 2017

Thalyta Valéria Castro de Oliveira Lucena

As intervenções editoriais nas Examinações de Anne Askew

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel/licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. André de Melo Araújo

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. André Gustavo de Melo Araújo

_____

Profª. Dra. Maria Filomena Pinto da Costa Pinto

_____

Prof. Dr. Leandro Duarte Rust

Brasília, 2017

Resumo: O presente trabalho propõe a análise das Examinações de Anne Askew, atendo-se não apenas à dimensão religiosa da obra, mas também à instrumentalização da narrativa por meio das intervenções editoriais. A pesquisa se debruçou sobre o uso político dado à obra, evidenciado pela remodelação empreendida pelos editores por meio dos elementos paratextuais. Por meio dessas análises buscou-se compreender a construção de Anne Askew como mártir da causa protestante e o papel desempenhado pelos editores e suas intervenções nesse processo.

Palavras-chave: Reforma Religiosa na Inglaterra, Cultura Impressa na Idade Moderna, Martírio.

Abstract: The present work proposes an analysis of the Examinations of Anne Askew, focusing not only on the religious dimension of the work, but also on the instrumentalization of the narrative through editorial interventions. The research focuses on the political uses of the work, evidenced by the remodeling undertaken by the editors in the paratextual elements. By means of these analyses it was sought to understand the construction of Anne Askew as a martyr of the Protestant cause and the role played by the editors and their interventions in this process.

Keywords: Religious Reformation in England, Early Modern Printed Culture, Martyrdom.

Sumário

Dedicatória v
Agradecimentos vi
Introdução 1
As intervenções editoriais de John Bale 8
As intervenções editoriais de John Foxe 22
Considerações Finais 33
Fontes Primárias 38
Bibliografia 40

Ao meu filho Daniel,
que enche meus dias de alegria.

Agradecimentos

Agradeço imensamente aos meus pais, Amarildo (*in memoriam*) e Meire, pelos valores que me ensinaram e por tudo o que investiram em mim. Agradeço ao Raphael, com quem compartilho minha vida e meu coração, e ao meu filho Daniel por compreenderem os momentos em que precisei me ausentar para dar conta das loucuras da vida acadêmica. À minha irmã Thaynara, pela ajuda que sempre chega na hora certa. À Solange, pelas constantes palavras de motivação, e a Zeza e Brisamar, por me "adotarem" e pelo suporte que me deram durante a escrita desse trabalho e ao longo de toda a graduação.

Minha enorme gratidão ao André pela excelente orientação, simpatia e paciência diante dos meus desesperos. Se tenho uma certeza em relação a minha vida acadêmica é de que acertei na escolha do meu orientador. Agradeço ainda aos amigos que fiz na universidade, vocês trouxeram sorrisos e leveza a essa jornada.

Por fim, agradeço ao Autor da Vida.

Introdução

Nos anos que se seguiram ao Ato de Supremacia[1] de Henrique VIII (1491-1547), por meio do qual o rei rompia com a autoridade papal sobre a Igreja da Inglaterra, houve uma intensa disputa entre conservadores e reformistas no que concerne à formação da identidade da Igreja Anglicana e à definição de suas doutrinas centrais. Por um tempo, Henrique VIII oscilou entre as possibilidades que se abriam e chegou a fazer concessões de grande importância para a causa reformada, como a autorização da publicação oficial da Bíblia inglesa[2]. Principalmente na década de 1530, os reformadores aproveitaram bem o espaço que lhes foi aberto pelo cisma com a Igreja Católica e viram a oportunidade de construir a Igreja da Inglaterra sob as bases da fé reformada. Figuras ligadas ao governo, como Thomas Cromwell (1485-1540) e Thomas Cranmer (1489-1556), souberam aproveitar a proximidade com o rei que suas posições lhes conferiam para plantar as sementes da reforma[3].

As reações populares, entretanto, não foram favoráveis às crescentes mudanças de cunho reformado[4]. A autoridade romana havia sido quebrada, mas grande parte da população ainda entendia a religião em acordo com as doutrinas romanas[5]. Além disso, o rei sofria pressão política de nações católicas[6]. Temendo uma rebelião popular e um possível isolamento político, Henrique VIII recuou em suas concessões aos reformadores[7]. A partir de então, a reação conservadora ganhou fôlego.

O *Act of Six Articles*[8], de 1539, marca a adoção de uma postura mais conservadora em relação à Eucaristia, à confissão, ao celibato clerical e às missas para os mortos, um

---

[1] Ato que declarou Henrique VIII como chefe supremo da Igreja da Inglaterra. HAIGH (2004), p. 137-138.
[2] MACCULLOCH (1995). p. 170.
[3] Diarmaid MacCulloch afirma que Cranmer, desde sua consagração a Arcebispo, em 1533, trabalhou junto a Cromwell para implantar uma agenda reformada na Igreja da Inglaterra. MACCULLOCH (1995), p. 170. A mesma ideia é explorada em HAIGH (2004), p.138.
[4] HAIGH (2004), p. 139.
[5] Para Christopher Haigh, possíveis mudanças teológicas relativas à Eucaristia, à confissão, ao celibato clerical e às missas desagradavam os súditos de Henrique VIII. Em 1538, havia crescentes evidências de descontentamento público em relação a algumas determinações reais, especialmente a autorização da Bíblia inglesa, vista como heresia. HAIGH (2004), p. 139.
[6] O imperador Carlos V (1500-1558) e o rei Francisco I (1494-1547) formaram uma aliança contra a Inglaterra. HAIGH (2004), p. 139.
[7] HAIGH (2004), p. 139.
[8] Idem.

duro golpe nas esperanças reformadoras. O nome oficial – Ato que abole a diversidade de opiniões[9] – mostra que, independentemente do lado para o qual o rei tendia, uma coisa pode ser apontada como constante em sua postura: a importância dada à uniformidade religiosa no reino. Em nome dessa uniformidade, pessoas foram mortas de ambos os lados: conservadores considerados papistas[10] e reformados acusados de heresia, especialmente por discordar de questões abordadas no *Act of Six Articles*. Em 1546, com a anuência do rei, os conservadores empreenderam uma forte campanha contra os considerados hereges[11], dando a eles duas opções: retratar-se ou morrer.

Um dos documentos mais interessantes dentre os produzidos neste contexto são as Examinações de Anne Askew (1521-1546), um relato autobiográfico de suas prisões, interrogatórios, tortura e condenação. Anne Askew nasceu em Lincolnshire[12], onde viveu uma vida abastada[13]. Filha de sir William Askew, *gentleman* da corte de Henrique VIII e membro do Parlamento[14] (que participou do julgamento de Ana Bolena) e de Elizabeth Wrotessley, Anne foi a quarta filha dentre 5 irmãos[15]. Como era de costume, seu pai fez arranjos para que Martha, a irmã mais velha, se casasse com Thomas Kyme, filho de um próspero proprietário de terras que havia sido seu vizinho em Lincolnshire. Entretanto, Martha faleceu antes que o casamento se concretizasse, o que mudou radicalmente a vida de Anne[16].

A fim de manter os arranjos com a família Kyme, sir William Askew decidiu que Anne casaria com Thomas no lugar de sua irmã. Mesmo contra sua vontade, Anne obedeceu e casou-se com Thomas Kyme aos 15 anos. Entretanto, o casamento não foi feliz. Ainda que tenha se submetido ao marido, com o qual teve dois filhos, como esposa exemplar – segundo John Bale –, havia entre eles uma diferença irremediável. Kyme era católico[17], ao passo que Anne, ávida leitora das Escrituras, era uma reformadora convicta. Numa época de efervescência religiosa na Inglaterra, essa acabou sendo uma mistura

---

[9] "*Acte Abolishing Diversity in Opynions*". PENDER (2012), p. 52.
[10] Defensores da manutenção da autoridade papal e, portanto, contrários à supremacia real sobre a Igreja da Inglaterra.
[11] MACCULOCH (1995), p. 179.
[12] ASKEW (1546), p. 6v.
[13] FOXE (1563), p. 680.
[14] PINK *apud* BEILIN (1996), p. xvii.
[15] BEILIN (1996), p. xvii-xviii.
[16] KEMP (1999), p. 1022.
[17] Idem.

explosiva. Kyme insistia para que Anne abandonasse a fé protestante, seguindo seu marido como uma boa mulher cristã. Ela, entretanto, permaneceu firme às suas convicções, o que culminou com a violenta expulsão de Anne Askew de casa por Thomas Kyme que, aconselhado pelos padres, agiu esperando que Askew, ao se ver repudiada, se arrependesse e se tornasse mais controlável[18].

A consequência foi diferente do que Kyme previu. Em vez de sentir-se humilhada, Anne se viu livre e mudou-se para Londres onde buscou divorciar-se do marido. Ainda que não tenha obtido o que esperava, Anne deixou de usar o sobrenome Kyme, voltando a se chamar Askew[19], como quando era solteira. Em Londres, aproximou-se de outros protestantes, aprofundando seus estudos bíblicos e sua participação do movimento reformado[20]. Tornou-se uma "*gospeller*", uma pregadora, o que lhe trouxe conexões[21] e problemas.

Em um período de forte perseguição aos considerados hereges, as convicções religiosas colocaram-na em confronto com a lei. Em março de 1545, Anne Askew foi detida para interrogatório[22]. Foi exaustivamente questionada acerca de questões doutrinárias[23], mas não se comprometeu por completo. Após ficar na prisão por alguns dias, sem poder sequer receber visitas, seu primo Brittayn conseguiu permissão para visitá-la e posteriormente pôde libertá-la sob fiança[24].

Em liberdade, ela não abandonou suas práticas e convicções, que a levaram a ser detida novamente no ano seguinte. Dessa vez, entretanto, Askew não adotou uma

---

[18] BALE *apud* ASKEW (1547a), p. 15r-15v.
[19] BEILIN (1996), p. xix.
[20] MARTIN (2010), p. 58.
[21] Megan Hickerson chama atenção para o fato de Askew ter identificado Edward Crome (?-1562) e David Whitehead (1492-1571) como amigos nos quais confiava e em outro momento, ter solicitado o conselho de Hugh Latimer (1487-1555). Todos os homens citados foram importantes reformadores na Inglaterra, o que indica que Anne Askew fazia parte de uma comunidade que compartilhava as mesmas ideias no que se refere à religião. HICKERSON (2006), p. 52. Além do mais, supostamente, Anne Askew tinha conexões com o círculo íntimo de Katherine Parr e, portanto, acesso a pessoas importantes na corte. BEILIN (1996), p. xxvii.
[22] BEILIN (1996), p. xxii.
[23] "...and asked yf I ded not beleve that the sacrament hangynge over the aultre was the verye boodye of Christ reallye". ASKEW (1546), p. 1v-2r, dentre outros exemplos.
[24] ASKEW (1546), p. 15v, 39v-40v.

estratégia de autopreservação e falou abertamente sobre suas convicções às autoridades que a questionavam[25].

Suspeitando que ela tivesse conexões com importantes figuras da corte real, dentre as quais era possível que estivesse Catherine Parr, a última rainha de Henrique VIII[26], as autoridades que faziam os interrogatórios tentaram confirmar suas suspeitas. Ao não delatar ninguém, Askew foi submetida a tortura na Torre de Londres. Seus algozes, Richard Rich (1496/7-1567) e o Lord Chancellor Thomas Wriothesley (1505-1550) a submeteram ao *rack*, mas ela suportou a dor e não delatou quem eles queriam[27]. Obstinadamente, ela recusou se retratar por várias vezes, sendo por fim condenada à fogueira por heresia[28]. Os detalhes de seus interrogatórios talvez se perdessem, não fosse o fato de Askew ter escrito sobre eles e, de algum modo, tê-los passado adiante antes de sua morte.

O relato deixado por ela é de grande relevância para a compreensão das principais disputas ideológicas entre os reformadores e os conservadores na Inglaterra em meados do século XVI. Sua história chama a atenção por tratar-se de um caso concreto onde se vê o embate entre as forças religiosas em disputa naquele contexto. Também causa interesse por se tratar de um caso sem precedentes em que uma mulher de família influente foi torturada e condenada à morte para que renunciasse as suas convicções religiosas[29].

---

[25] "They sayd to me there, that I was an heretyke and condempned by the lawe, if I wolde stāde in my opynyon. I answered that I was no heretyke, neyther yet deserued I anye deathe by the lawe of God. But as concernynge the faythe whych I vttered and wrote to the coūsell, I wolde not (I sayd) denye it, bycause I knew it true. Thē wolde they nedes knowe, if I wolde denye the sacrament to be Christes bodye and bloude: I sayd, yea. For the same sonne of God, that was borne of the vyrgyne Marie· is now gloriouse in heauen, and wyll come a|gayne from thens at the lattre daye lyke as he went vp. Acto. 1. And as for that ye call your God, is but a pece of breade. For a more profe therof (marke it whan ye lyst) lete it lye in the boxe but iij. monthes, and it wyll be moulde, and so turne to nothyge that is good. Wherupon I am persuaded, that it can not be God." ASKEW (1547a), p. 31r-31v.

[26] BEILIN (1996), p. xvii.

[27] ASKEW (1547a), p. 45v.

[28] "Then my lorde Chauncellour sent me worde if I wolde leaue my opynyon. I shuld want nothynge If I wolde not, I shuld fourth to Newgate, and so be burned I sent hym agayne worde, that I wolde rather dye, thā to breake my faythe." ASKEW (1547a), p. 48r.

[29] KING (1996), p. ix.

Uma cópia dos relatos de Anne Askew chegou às mãos de John Bale – protestante feroz em seus ataques a doutrina católica – por meio de mercadores holandeses que contrabandearam esses escritos[30]. Rapidamente, Bale comentou os escritos de Anne Askew e quatro meses após a trágica morte da autora[31], publicou, em novembro de 1546, *The first examinacyon of Anne Askewe lately martyred in Smythfelde, by the Romysh popes vpholders, with the elucydacyon of Iohan Bale.* Em janeiro de 1547, Bale publicou *The lattre examinacyon of Anne Askewe latelye martyred in Smythfelde, by the wycked Synagoge of Antichrist, with the Elucydacyon of Iohan Bale*[32]. Por meio dessas obras e da posterior inserção das Examinações em uma das obras de maior relevância na Inglaterra dos séculos XVI e XVII, juntamente com a Bíblia e o Livro de Oração Comum – os *Acts and Monuments* de John Foxe[33] –, a história de Anne Askew foi disseminada e utilizada como propaganda da causa reformada, de modo que se construiu sua imagem como mártir da fé reformada na Inglaterra.

John Bale e John Foxe tiveram grande importância na construção dessa imagem por meio de suas respectivas intervenções editoriais, pela forma como organizaram o texto e adicionaram elementos paratextuais ao corpo da narrativa principal. Para que essa afirmação seja melhor compreendida, faz-se necessário alguns esclarecimentos.

Os livros apresentam, para além do texto primordial, outros elementos, sejam eles textuais, imagéticos ou materiais dos quais pode-se citar o título, prefácio, folha de rosto, ilustrações, comentários e vários outros componentes. Esses elementos paratextuais combinam-se ao texto principal para formar o conjunto da obra. Por longo tempo, esses elementos foram estudados como meros apêndices informativos ou ornamentais. Nas últimas três décadas, entretanto, cresceram os estudos que defendem os elementos paratextuais como sendo essenciais para a compreensão da obra como um todo[34].

Precursor nos estudos que localizam os elementos paratextuais como componentes intrinsicamente relevantes para o conjunto da obra, o crítico literário e

---

[30] PENDER (2012), p. 36-37.
[31] Anne Askew morreu em 16 de julho de 1546, em Smithfield.
[32] Doravante, as obras serão referidas no texto como *The First Examination* e *The Latter Examination*.
[33] "*Os Acts and Monuments* exerceram mais influência na consciência da Inglaterra no início da Idade Moderna do que qualquer outro livro juntamente com a Bíblia e o Livro de Oração Comum. É reconhecidamente um dos textos de maior influência na formação da consciência nacional inglesa entre 1560 e 1700." KING (2009), p. xi.
[34] SMITH; WILSON (2011), p. 2.

teórico da literatura Gerard Genette define os elementos paratextuais como sendo algo que envolve e amplia o texto principal com o objetivo de apresentá-lo, de assegurar sua recepção em forma de livro[35].

Assim como Genette, vários autores têm estudado a relevância dos elementos paratextuais, de modo que estes têm sido, cada vez mais, objeto de investigação nas pesquisas sobre a história do livro. Trabalhos expressivos, como o de Janine Barchas, na obra em que a autora analisa algumas características morfológicas dos romances do século XVIII[36], demonstram que o estudo de uma obra dentro do contexto material no qual foi originalmente publicada revela um significado mais completo.

Estudos como os de Genette e Barchas mostram que os elementos paratextuais não devem ser vistos como partes descoladas do texto principal que compõe a obra, mas exercem papeis importantes na relação entre o livro e o leitor, influenciando a recepção e até mesmo a interpretação da obra.

Partindo dessas considerações, a presente pesquisa concorda com Freeman e Wall[37] quando defendem que As Examinações de Anne Askew devem ser tomadas como uma construção colaborativa entre a autora e os editores e que não se pode atribuir nem a Bale, nem a Foxe um papel de relevância secundária na obra. Desse modo, o trabalho propõe-se a demonstrar como esses editores remoldaram a obra pela adição de elementos paratextuais e quais as estratégias visuais e retóricas usadas por eles para fazer das Examinações e da figura de Askew um instrumento propagandístico da causa reformada.

Sendo assim, as análises que compõem o presente trabalho baseiam-se em 9 fontes consultadas digitalmente na plataforma *Early English Books Online* (EEBO), por meio do acesso provido pela Universidade de Brasília (UnB). Trata-se de diferentes edições do relato escrito por Anne Askew acerca de seus dois interrogatórios. A primeira fonte que compõe o *corpus* documental que fundamenta a presente pesquisa é justamente uma das cópias da primeira edição de *The First Examination*[38], cujo original encontra-se na British Library. Um dado interessante sobre essa fonte é que a informação dada no colofón acerca da impressão é falsa. Na verdade, foi impressa por Derik van der Straten em Wesel e não

[35] GENETTE (1997), p. 1.
[36] BARCHAS (2003).
[37] FREEMAN; WALL (2001), p. 1168.
[38] ASKEW (1546).

em Marpurg [Marburg] conforme informado na obra impressa. Isso se deu para evitar que as autoridades identificassem a real fonte de impressão desses livros que eram contrabandeados para a Inglaterra[39], haja vista que a obra de John Bale havia sido proibida[40]. Pouco tempo depois, o editor publicou *The Latter Examination* em janeiro de 1547[41], que também será objeto da pesquisa. As outras edições das Examinações impressas em 1547, 1548, 1560 e 1585[42] serviram como base comparativa com as primeiras edições. Serão analisadas também as Examinações de Anne Askew inseridas no *Acts and Monuments* de John Foxe[43]. As fontes da presente pesquisa se completam com duas impressões distintas de uma balada de autoria desconhecida[44], mas que foi atribuída a Anne Askew.

A análise dessas fontes pretende expor não apenas o cunho religioso da obra, mas a instrumentalização da narrativa. O foco não será a análise da retórica de Askew, mas o uso político dado à obra, evidenciado pela remodelação empreendida pelos editores por meio dos elementos paratextuais. Para isso, o primeiro capítulo será centrado no papel de John Bale como primeiro editor e divulgador da obra e o segundo capítulo terá foco na inserção das Examinações de Askew nos *Acts and Monuments* de John Foxe, obra de extrema relevância para o período que, por sua popularidade, teve grande papel na difusão da história de Anne Askew[45]. Por meio dessas análises se buscará compreender a construção de Anne Askew como mártir da causa protestante e o papel desempenhado pelos editores e suas intervenções nesse processo.

---

[39] KING (1996), p. x.
[40] LOEWENSTEIN (2006), p. 18.
[41] ASKEW (1547a).
[42] ASKEW (1547b); ASKEW (1548); ASKEW (1560); ASKEW (1585).
[43] FOXE (1563).
[44] ANON (1624); ANON (1670).
[45] Acerca da importância da obra, ver nota 33. Em relação a popularidade, John N. King afirma que cópias dos *Acts and Monuments* podiam ser encontradas em muitas igrejas paroquiais, acorrentadas lado a lado com a Bíblia. Também havia cópias em diversos outros locais, como escolas, catedrais, palácios reais, e bibliotecas privadas. KING (2009), p. xiii. As várias reedições da obra também testemunham a favor de sua popularidade.

Capítulo 1

"PROFYTABLE TO THE CHRISTEN COMMONWELTH"
As intervenções editoriais de John Bale

Ressaltando o importante papel do prefácio como elemento paratextual na mediação entre os escritos autorais e o leitor, a pesquisadora australiana Patricia Pender defende que os prefácios dos textos escritos por mulheres no início da Idade Moderna inglesa eram escritos no sentido de facilitar a entrada deles num mercado literário hostil[46]. Para sustentar sua argumentação, Pender utiliza como exemplo o prefácio das "Examinações" de Anne Askew, mostrando como o que o editor escreveu estabelece uma espécie de protocolo de leitura, influenciando fortemente a recepção e interpretação da obra.

Desse modo, as Examinações de Anne Askew constituem um importante exemplo da relevância dos elementos paratextuais. Nas primeiras edições das duas obras, destacam-se a folha de rosto, o prefácio, a conclusão e os comentários, redigidos pelo primeiro editor e responsável pela divulgação do relato autobiográfico dos interrogatórios de Askew: John Bale (1495-1563).

Nascido em 1495, por vinte anos, Bale foi um frei carmelita até que, em meados da década de 1530, converteu-se às ideias religiosas reformadoras, renunciou seus votos e casou-se – o que causou grande escândalo. Nos dramas e peças de teatro que escreveu, bem como em todas as suas obras, estão estampadas as suas convicções, tendo, portanto, forte cunho propagandístico da causa reformada[47]. Seus comentários ácidos e fortes ataques aos que ele classificava como "papistas" lhe renderam a alcunha de "Bilious" Bale, juntamente com vários inimigos, que não lhe causaram grandes problemas por algum tempo devido à proteção de Thomas Cromwell. Com a queda deste, Bale se viu desprotegido e fugiu da Inglaterra com sua esposa e filhos. No exílio, deu continuidade aos seus escritos controversos, até que retornou ao lar após a morte de Henrique VIII. Com a morte de Eduardo VI (1537-1553) e ascensão da rainha Mary (1516-1558), o

[46] PENDER (2012).
[47] WEIMER (2011), p.19-20.

controverso protestante voltou ao exílio, retornando à Inglaterra apenas quando a rainha Elizabeth I (1533-1603) subiu ao trono. Morreu em Canterbury, em 1563[48].

As Examinações de Anne Askew chegaram às mãos de Bale quando ele estava exilado, ainda em 1546, portanto, pouquíssimo tempo após a morte de Askew. Como grande propagandista da causa reformadora, ele viu nos manuscritos de Askew uma excelente oportunidade para suas demandas[49]: colocar a Igreja Católica em descrédito e mostrar o suposto papel libertador que a fé reformada exercia na Inglaterra, libertando a nação de séculos de dominação de clérigos estrangeiros. Ao comentar a obra, Bale exerceu grande influência no modo como a história contada por Askew foi recebida. Cada elemento inserido por ele é bastante revelador de suas intenções ao se prontificar a fazer os comentários.

A primeira edição de *The First Examination*, publicada em novembro de 1546, foi impressa no formato *in-octavo*, totalizando 118 páginas. É possível dividir esse primeiro documento analisado em 7 partes: 1) a folha de rosto; 2) prefácio escrito por John Bale; 3) um índice; 4) o texto principal; 5) conclusão escrita por John Bale; 6) colofón; 7) *The voyce of Anne Askewe out of the 54 Psalme of David, called Deus in nomine tuo*[50]. O prefácio e a conclusão escritos por Bale ocupam, conjuntamente, 26 páginas.

Publicada pouco tempo depois, em janeiro de 1547, a primeira edição de *The Latter Examination* se assemelha visualmente à publicação anterior. Foi também impressa no formato *in-octavo* e tem ao todo 144 páginas, das quais 28 correspondem ao prefácio e à conclusão. Também esse documento pode ser dividido em 7 partes: 1) folha de rosto; 2) prefácio escrito por John Bale; 3) o texto principal; 4) A balada que Anne Askew escreveu e cantou quando estava em Newgate; 5) conclusão; 6) colofón; 7) índice.

Em ambas as publicações é possível distinguir visualmente o que se atribui à pena de Anne Askew e àquela de John Bale, tanto pela presença do nome do respectivo autor antes de cada trecho, quando pelos diferentes tamanhos dos tipos usados para a impressão dos textos referentes a cada voz. As partes escritas por Anne Askew foram impressas com tipos maiores que aquele utilizado para imprimir o texto das partes referentes ao seu

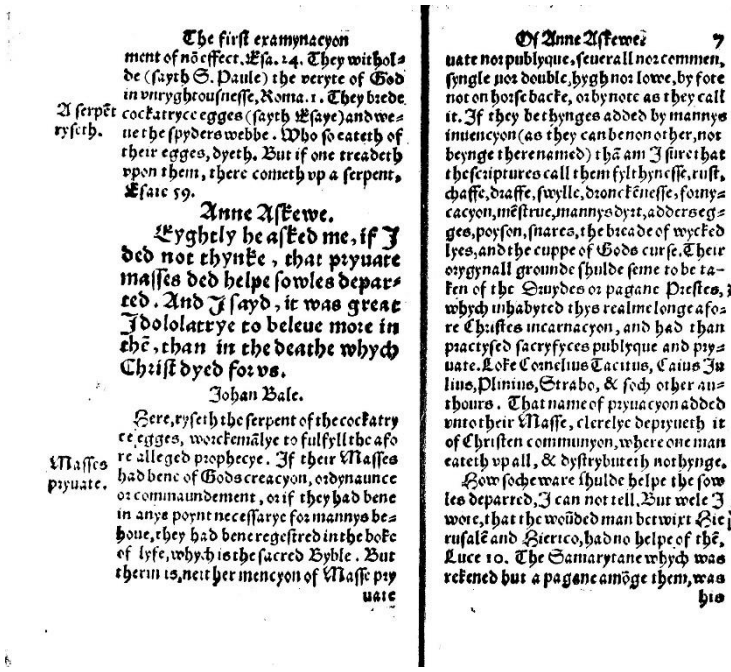
[48] FAIRFIELD (2006), p. 1.
[49] BEILIN (1996), p. xxxiv.
[50] Versos ao final do documento nos quais Askew parafraseia o Salmo 24.

comentador. Outro fator comum às duas publicações é o fato de que os comentários de John Bale superam, em extensão, os relatos de Anne Askew (como pode ser visto na Figuras 1 e 2).

Embora haja essa separação visualmente bem estabelecida, não há como determinar com precisão se John Bale também não interviu nas partes atribuídas a Anne Askew. Algumas linhas de pesquisa assumem como certa a autoria de Askew e defendem que as intervenções de Bale são uma apropriação desonesta por parte de uma figura masculina, uma distorção do relato original de uma mulher[51]. Entretanto, esse tipo de abordagem não leva em consideração dois aspectos essenciais. O primeiro é o fato de que não se tem os manuscritos originais para que se possa fazer uma comparação analítica com as obras impressas e determinar com precisão se o texto atribuído à Askew não sofreu nenhum tipo de interferência. O segundo aspecto é que se parte da falsa premissa de que a autoria no século XVI pode ser vista como ato individual, ou até mesmo solitário.

Stephen B. Dobranski[52] argumenta que a autoria nos primórdios da Idade Moderna deve ser vista como ato colaborativo entre autor, editor e impressor e que, neste momento, o autor tinha pouquíssimo controle sobre a obra. Não há, portanto, como separar assertivamente o que sofreu ou não sofreu intervenção editorial nas Examinações de Anne Askew, de maneira que, a melhor forma de abordar a obra é considerá-la uma construção colaborativa entre Anne Askew e John Bale, conforme foi defendido na introdução da pesquisa.

[51] Essa discussão pode ser melhor vista em FREEMAN; WALL (2001). Os autores citam Elaine Beilin e John King como defensores dessa linha de pesquisa.
[52] (2008), p. 28.



The first examynacyon

ment of nō effect, Esa. 24. They wytholde (sayth S. Paule) the veryte of God in vnryghtousnesse, Roma. 1. They brede cockatryce egges (sayth Esaye) and weane the spyders webbe. Who so eateth of their egges, dyeth. But if one treadeth vpon them, there cometh vp a serpent, Esaie 59.

A serpēt rysyth.

Anne Askewe.

Lyghtly he asked me, if I ded not thynke, that priuate masses ded helpe sowles departed. And I sayd, it was great Idololatrye to beleue more in thē, than in the deathe whych Christ dyed for vs.

Johan Bale.

Here, rysyth the serpent of the cockatryce egges, worckemālye to fulfyll the afore alleged prophecye. If their Masses had bene of Gods creacyon, or dynaunce or commaundement, or if they had bene in anye poynt necessarye for mannys behoue, they had bene regestred in the boke of lyfe, whych is the sacred Byble. But therin is, neither mencyon of Masse priuate

Masses priuate.

Of Anne Askewe. 7

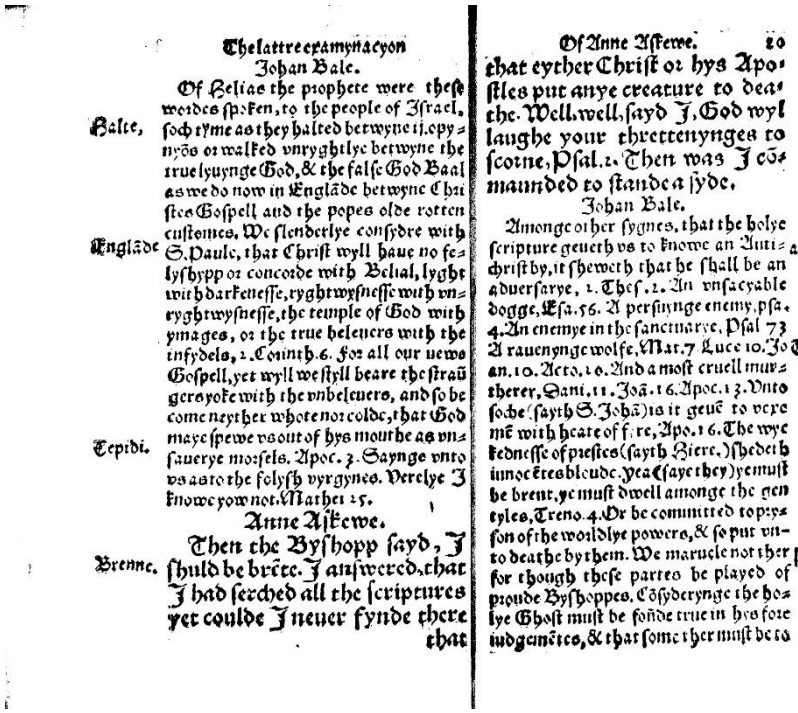
uate nor publyque, seuerall nor commen, syngle nor double, hyghnor lowe, by fote not on horse backe, or by note as they call it. If they be thynges added by mannys inuencyon (as they can be non other, nor beynge there named) thā am I sure that the scriptures call them fylthynesse, rust, chaffe, draffe, swylle, dronckennesse, fornycacyon, mēstrue, mannys dyrt, addersegges, poyson, snares, the breade of wyckedlyes, and the cuppe of Gods curse. Their orygynall groundes shulde seme to be taken of the Druydes or pagane Prestes, whych inhabyted thys realme longe afore Christes incarnacyon, and had than practyced sacryfyces publyque and priuate. Loke Cornelius Tacitus, Caius Julius, Plinius, Strabo, & soch other anthours. That name of priuacyon added vnto their Masse, clerelye deptyneth it of Christen communyon, where one man eateth vp all, & dystrybuteth nothynge.

Druydes.

Howsoeware shulde helpe the sowles deparred, I can not tell. But wele I wote, that the woūded man betwixt Hierusalē and Hierico, had no helpe of thē, Luce 10. The Samarytane whych was rekened but a pagane amōge them, was his

For sowles.

Figura 1. Uma das páginas da primeira edição de The First Examination (1546). Na imagem, é possível ver a distinção tipográfica entre o relato de Anne Askew e os comentários do editor.



The latter examynacyon

Johan Bale.

Of Helias the prophete were these wordes spoken, to the people of Israel, soch ryme as they halted betwyne ij. opynyōs or walked vnryghtlye betwyne the true lyuynge God, & the false God Baal as we do now in Englāde betwyne Christes Gospell and the popes olde rotten customes. We slenderlye consydre with S. Paule, that Christ wyll haue no felyshypp or concorde with Belial, lyght with darkenesse, ryghtwysnesse with vnryghtwysnesse, the temple of God with ymages, or the true beleuers with the infydels, 2. Cōinth. 6. For all our newe Gospell, yet wyll we styll beare the straūgers yoke with the vnbeleuers, and so be come neyther whote nor colde, that God maye spewe vs out of hys mouthe as vnsauerye morsels. Apoc. 3. Saynge vnto vs aste the folysh vyrgynes. Verelye I knowe yow not. Mathei 25.

Bale.

Englāde

Tepidi.

Anne Askewe.

Then the Byshopp sayd, I shuld be brēte. I answered, that I had serched all the scriptures yet coulde I neuer fynde there that

Brenne.

Of Anne Askewe. 10

that eyther Christ or hys Apostles put anye creature to deathe. Well, well, sayd I, God wyll laughe your threttenynges to scorne, Psal. 2. Then was I cōmaunded to stande a syde.

Johan Bale.

Amonge other sygnes, that the holye scripture geueth vs to knowe an Antichrist by, it sheweth that he shall be an aduersarye, 2. Thes. 2. An vnsacyable dogge, Esa. 56. A persuynge enemy, psa. 4. An enemye in the sanctuarye, Psal 73 A rauenynge wolfe, Mat. 7 Luce 10. Johan. 10. Acto. 20. And a most cruell murtherer, Sani. 11. Joā. 16. Apoc. 13. Vnto soche (sayth S. Johā) is it geuē to vere mē with heate of fyre, Apo. 16. The wyckednesse of prestes (sayth Hierē.) shed eth innocētes bloude. Yea (saye they) ye must be brent, ye must dwell amonge the gentyles, Treno. 4. Or be committed to prysson of the worldlye powers, & so put vnto deathe by them. We maruele not ther for though these partes be played of proude Byshoppes. Cōsyderynge the holye Ghost must be foūde true in hys foreiudgemētes, & that some ther must be ca

Antichrist

Tobrēne.

Prestes.

Figura 2. Uma das páginas da primeira edição de The Latter Examination. É possível perceber como ela se assemelha visualmente à página apresentada na imagem anterior.

A construção de Askew como personagem modelo da causa reformadora inicia-se logo na folha de rosto da edição inaugural de *The First Examination of Anne Askew*[53] (ver figura 3). Nela, pode-se ver uma imagem xilográfica de uma mulher usando roupas que remetem às mártires da igreja primitiva, com um halo ao redor da cabeça, segurando

um ramo de palmeira na mão esquerda e a Bíblia na mão direita. Deitada no chão atrás dela há uma besta com a coroa papal na cabeça[54]. A imagem usada como representação da personagem principal – Anne Askew – diz muito sobre o teor da obra, principalmente sobre o sentido que o editor dá a ela. Alguns elementos retratados na imagem merecem destaque: o halo em torno da cabeça da figura feminina, a bíblia e o ramo de palmeira em suas mãos e a besta aos seus pés.

O halo foi usado no período Helenístico e também nas representações dos imperadores romanos. Por volta do século IV, foi incorporado à iconografia cristã,

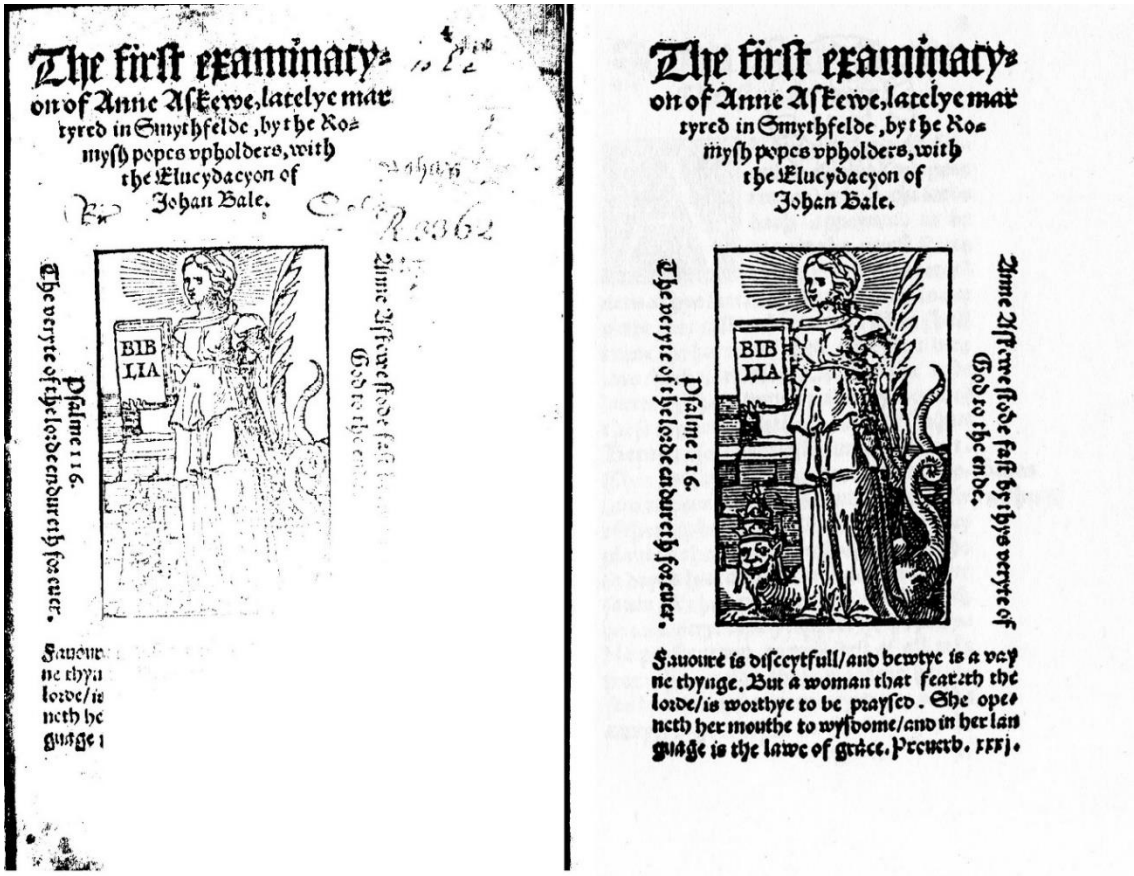


Figura 3. Comparação entre as folhas de rosto da cópia presente na British Library e da que se encontra na Bodleian Library.

inicialmente caracterizando figuras divinas. No século VI, o uso já havia sido estendido à representação dos santos e beatos[55]. O fato de Anne Askew estar representada com um

[54] BEILIN (1996), p. xlv.
[55] MURRAY; MURRAY (1996), p. 225.

halo em forma de raio sobre a sua cabeça confere a ela uma expressão de santidade e de aprovação divina.

O ramo de palmeira, que inicialmente era usado como emblema pagão da vitória, foi assimilado pelo cristianismo como o símbolo da vitória da fé sobre o sofrimento do martírio[56]. Ao representar Anne Askew na xilogravura atrelada a esse símbolo, revela-se de antemão a imagem que se quer passar a respeito dela: uma mártir cristã, defensora da fé.

A Bíblia nas mãos de Askew refletem um ponto de forte discórdia entre a doutrina católica romana e a reformada: a suficiência das Escrituras. Para a fé reformada, a autoridade bíblica é suficiente, doutrina expressa pelo mote *sola scriptura*. Para os católicos romanos, o texto bíblico deve ser aliado à tradição e ao ensino da Igreja[57]. Askew, portanto, com a Bíblia nas mãos, é retratada como alguém que fala em acordo com a autoridade do texto sagrado, não dos seus próprios sentimentos. Seus escritos, assim, ganham um caráter de inspiração divina e de credibilidade – ao menos para os que comungam da mesma fé.

Além do caráter propagandístico, a imagem também está imbuída de um teor difamatório. Aos pés de Anne Askew, numa posição de aparente rendição diante da autoridade investida sobre ela, está uma besta em cuja cabeça se encontra a coroa papal. A representação desta besta furtiva é uma prévia aos intensos ataques desferidos por John Bale à autoridade do papa. É também uma alegoria à superioridade da fé reformada diante da romana e de Askew diante de seus antagonistas.

Ainda na folha de rosto, ao lado esquerdo e abaixo da imagem são reproduzidos dois versículos bíblicos[58]. Ambos os versículos remetem à autoridade bíblica e, por consequência, à autoridade de Anne Askew, apresentada como defensora das escrituras imbuída da sabedoria que vem delas. Ao lado direito se encontra a seguinte frase: '*Anne*

---

[56] MURRAY; MURRAY (1996), p. 365.
[57] GODFREY (2007), p. 1-2.
[58] 'Psalm 116. The verity of the lord endureth for ever' (O versículo, na verdade, encontra-se em Salmo 117,2: "(...) e a fidelidade do SENHOR é para toda a eternidade". BÍBLIA (2011)). 'Favour is deceitful and beauty is a vain thing. But a woman that feareth the lord is worthy to be praised. She openeth her mouth to wisdom and in her language is the law of grace. Proverb. 31.' ("A beleza é uma ilusão, e a formosura é passageira; contudo, a mulher que teme a *Yahweh*, o SENHOR, essa será honrada!". BÍBLIA (2011), Provérbios 31,30.

Askew stood fast by this verity of God to the end', novamente evocando a firmeza e o caráter do martírio de Askew como defensora da verdade. Fica evidente, portanto, que "a folha de rosto como um todo funciona tanto para estabelecer a legitimidade de Askew enquanto recipiente para a graça (de Deus), quanto para provar seu valor enquanto objeto de veneração"[59].

A forma como Bale escreve o prefácio denota forte sintonia com o que se apresentou na folha de rosto. Logo nos primeiros parágrafos fica claro que ele busca inserir o contexto religioso em que estava vivendo num plano maior, parte de uma história milenar do cristianismo. Desse modo, a reforma religiosa em vigor e a perseguição aos hereges que acontecia na Inglaterra em meados do século XVI são apontadas como cumprimento do texto bíblico que fala sobre o surgimento de uma pessoa com "o mesmo espírito e poder de Elias, com o propósito de fazer voltar o coração dos pais aos filhos e os desobedientes à sabedoria dos justos, deixando um povo preparado para o Senhor"[60]. O texto original refere-se ao nascimento do profeta João Batista, entretanto, aqui é usado como alegoria para os cristãos de fé reformada. Dentre eles, Bale expressamente cita William Tyndale (1494-1536), Robert Barnes (1495-1540) e outros que sofreram o mesmo fim – a morte na fogueira por heresia.[61] Esse período seria ainda o cumprimento de uma profecia que Beda (673-735) escreveu em seu *De Temporum Ratione*[62].

Fica evidente, então, que para Bale a perseguição era necessária e tinha as funções de expor as obras do Anticristo e do "retorno do remanescente de Israel ao seu Deus"[63]. Esse remanescente não é entendido apenas de modo literal, é também uma alegoria ao

---

[59] PENDER (2012), p. 34.
[60] BÍBLIA (2011), Lucas 1,17.
[61] "I thynke within thys realme of Englande, besydes other nacyons abroade, the sprete of He|lyas was not all a slepe in good Wyl|lyam Tyndale, Robert Barnes, & soche other more, whome Antichristes vyolence hath sent hens in fyre to heauen, as Helyas went afore in the frerye charett." ASKEW (1546), 3r. William Tyndale (ca.1494-1536) reformador que traduziu a Bíblia para o inglês, foi queimado por heresia em Vilvorde, na Bélgica. Robert Barnes (1495-1540), autor e pregador reformado, foi queimado por heresia em Smithfield. BEILIN (1996), p. 4.
[62] "For by the seyd Bedas testymonye in the begynnynge of the same chaptre, two most certayne sygnes shall we thā haue that the lattre iudgement daye is at hande. The returne of Israels remnaunt vnto their lorde God, and the horryble persecucyon of Antichrist. Conferre with thys treated scripture and former prophecye of that vertuouse man Bedas, the worldes alteracyon now, with the terryble turmoylyngs of our tyme." ASKEW (1546), p. 2v. "We have two very certain indicators of the approach of the Day of Judgement, namely the conversion of the Jewish people, and the reign and persecution of Antichrist, which persecution the Church believes will last three and a half years." WALLIS (1999), p. 241.
[63] Ver nota 62.

aclamado retorno da cristandade às suas origens doutrinárias descaracterizadas pela Igreja romana.

Aos opositores da fé reformada, Bale atribui o papel do Anticristo. Como na profecia, o Anticristo e seu "sangrento remanescente"[64] desencadearam uma perseguição a Igreja – não a institucional, mas a etérea, a espiritual. A facção conservadora na Inglaterra de então, que defendia a manutenção das doutrinas romanas na igreja inglesa, é, portanto, associada à "maligna sinagoga de Satã"[65]. Eles são os inimigos, não apenas dos que professavam a fé reformada, mas do próprio Deus e de sua obra na terra.

Tendo estabelecido sua visão de quem eram os vilões, Bale segue nomeando os que ele considerava como heróis, os "Elias" de seu tempo, que assim como o profeta de Israel, tinham coragem de desafiar até mesmo os mais poderosos em nome da fé. Além de Tyndale e Barnes, aos quais ele faz breve menção, Bale cita Anne Askew, John Lassells (?-1546) e os dois companheiros que morreram juntamente com eles como exemplos, como fortes testemunhas de Jesus Cristo, como mártires[66]. Diante do hall de mártires da tradição cristã, Askew e seus companheiros são colocados no mais alto patamar, acima até mesmo daqueles associados a milagres. Com isso, Bale defende a superioridade da convicção em comparação com os milagres, pois, segundo ele, Cristo busca em seus mártires não os milagres, mas a fiel perseverança até o fim[67]. Cabe acrescentar que, de modo quase contraditório à essa argumentação, Bale acrescenta um elemento sobrenatural à descrição que faz da morte de Askew. Segundo ele, no momento dos sofrimentos dela, os céus mudaram de cor em protesto ao que estava acontecendo, e as nuvens produziram um relâmpago[68].

---

[64] "...bloudye remnaunt of antichrist" ASKEW (1546), p. 3v.
[65] "...the malygnaunt Synagoge of Sathan..." ASKEW (1546), p. 4r.
[66] "As we haue for example their constaunt dyscyples, and now stronge witnesses of Iesus Christ, Iohan Lassels and Anne Askewe, with their other. ij. companyons, verye gloryouse martyrs afore God". ASKEW (1546), p. 3v.
[67] Passagens bíblicas são utilizadas como justificativa para essa argumentação. Mateus 10,22: "E, por causa do meu Nome, sereis odiados de todos. Contudo, aquele que permanecer firme até o fim será salvo." Lucas 12,9: "No entanto, o que me negar diante dos homens será negado diante de Deus." BÍBLIA (2011).
[68] "Credyblye am I infourmed by dyuerse duche merchauntes whych were there present, that in the tyme of their sufferynges, the skye abhorrynge so wycked an acte, sodenlye altered coloure, and the cloudes from aboue gaue a thōder clappe, not all vnlyke to that is written, Psal. 76. The elementes both declared therin the hygh dyspleasure of God for so tyrānouse a murther of innocentes." ASKEW (1547a), p. 67r.

No prefácio de *The Latter Examination*, Bale desenvolve melhor esse argumento. Desde a fundação da Igreja romana na Inglaterra, é possível distinguir entre dois tipos de mártires. Para classificar segundo um ou outro tipo seria preciso fazer duas perguntas. A primeira é: quem os condenou? Para responder a essa questão, Bale separa os mártires britânicos em dois grupos. De um lado, os que foram condenados ou perseguidos pelas autoridades seculares, seja por desobediência ou por traição. Do outro lado, estão aqueles condenados pelas autoridades eclesiásticas.[69] Os primeiros eram venerados pela Igreja, os segundos amaldiçoados como hereges[70].

A segunda pergunta a ser feita é: como morreram? Bale lista diversos exemplos de pessoas veneradas pela Igreja romana e suas mortes. Mortes em batalha[71], em cavalgadas e bebedeiras[72], mortes por amor[73], por loucura[74] ou por dinheiro[75]. Em contraposição, o editor aponta para a morte de Anne Askew e seus três companheiros, afirmando que suas mortes não foram banais como as apresentadas em outros exemplos, mas que abriram mão de suas vidas em defesa de suas convicções[76].

Por meio dos exemplos dados, Bale estabelece os sinais do que ele defende como verdadeiros mártires, ou mártires de Cristo. Estes seriam os condenados como hereges e amaldiçoados pela própria Igreja romana, os que morreram pela defesa da fé. Toda essa argumentação tem a função de exaltar Anne Askew, que reunia em si os requisitos

---

[69] "ij. kyndes of martyrs hath bene, one of monasterye buylders and chaunterye founders, whom the temporall prynces & se|cular magistrates haue dyuersiye done to deathe, sumtyme for dysobedyence, & sumtyme for manyfest treason... The other sort were preachers of the Gospell, or poore teachers therof ī corners, whā the persecucyō was soche, that it myght not be taught abroade. And these poore sowles, or true seruauntes of God, were put to deathe by the holye spirytuall fathers Byshoppes, prestes, monkes, chanons, & fryers, for heresye & Iollerye, they saye." ASKEW (1547a), p. 3v-4r.

[70] "A great dyfference is there of the martyrs whom they make, from the martyrs whom they canonyse. Of them whom they dampne, from them whom they worshypp. ASKEW (1547a), p. 4v.

[71] "Saynt Edwyne beynge wele armed, was slayne in battayle at Hatfelde in the North". ASKEW (1547a), p. 6r.

[72] "S. Edwarde rydynge a Huntynge in the forest of Warham in the weast, was kylled vpon hys horse in drynkynge a cuppe of wyne." ASKEW (1547a), p. 6r.

[73] "S. Elytanke of Southwales, was in lyke case stabbed in with a dagger, bycause a yonge mayden loued hym." ASKEW (1547a), p. 6r.

[74] "Saynct Cadock of Cowbridge a Byshopp, was pearced through with a speare, as he stode at hys Masse at one of the clocke at after none, bycause he wolde be of the order of martyrs." ASKEW (1547a), p. 6r.

[75] "Elphege archebyshopp of Caunterburye was stoned to deathe of the Danes, bycause he wolde not paye them thre .M. Marke." ASKEW (1547a), p. 6v.

[76] "The martyrdome of Anne Askewe and her Bretherne, was neyther in battelynge nor huntynge, rydynge nor drykynge, but in that ryght course whych Christ prescrybed vnto hys dyscyples vndre the cruell Byshoppes, for hys onlye glorye. (...) The cause of Anne Askewe and her companyons, was neyther madnesse nor moneye, but the onlye sekynge of their lorde God a ryght." ASKEW (1547a), p. 6r-6v.

atestados por Bale. Desse modo, Askew é retratada como a personificação do verdadeiro martírio, como parâmetro, como exemplo a ser seguido.

A construção da imagem de Anne Askew por seu editor não para por aí. Posicionar Askew em um polo oposto ao de figuras consagradas da tradição cristã inglesa poderia acabar por construí-la como forasteira, intrusa dentro dessa tradição. Para solucionar essa possível falha na sustentação de seus argumentos, Bale retroage aos primórdios da cristandade, ao tempo que ele considera análogo ao que estava vivendo, tempo de perseguição religiosa aos cristãos. Askew é comparada a Lídia[77], vendedora de tecido de púrpura, que acolheu a mensagem do apóstolo Paulo[78]. É, ainda, comparada à Cecília[79], mártir canonizada que viveu no Império Romano, no século III[80].

Entretanto, a maior comparação que Bale faz é com Blandina (162-177), martirizada durante o reinado do imperador Marcos Aurélio (121-180)[81]. Vítima de uma perseguição direcionada aos cristãos na Gália, após sofrer intensas torturas, Blandina "foi pendurada num madeiro e ficou exposta às feras, que se lançavam sobre ela"[82]. Os animais, entretanto, não a atacaram. Em outra ocasião, foi novamente submetida à intensas torturas: açoites, queimaduras até que, por fim foi jogada a um touro e morreu, após ser atirada ao alto por ele diversas vezes.

Bale cita várias semelhanças entre Askew e Blandina: a juventude e delicadeza, o fato de terem três companheiros em seus momentos de martírio, a disposição em morrer em nome da fé, o amor a Jesus Cristo, a tortura sofrida e o exemplo dado de perseverança aos demais[83]. A leitura paralela do conjunto de intervenções de Bale nas Examinações de Anne Askew (prefácio, comentários e conclusão) e a obra de Eusébio nos trechos que fazem menção à Blandina evidenciam uma espécie de espelhamento narrativo. A

---

[77] ASKEW (1546), p. 6v.
[78] "Uma das mulheres que nos ouviam era temente a Deus e chamava-se Lídia, vendedora de tecidos de púrpura, da cidade de Tiatira. E aconteceu que o Senhor lhe abriu o coração para acolher a mensagem pregada por Paulo." BÍBLIA (2011), Atos 16,14.
[79] ASKEW (1546), p. 7r.
[80] BEILIN (1996), p. 9.
[81] A história de Blandina pode ser lida em EUSÉBIO (2002), p. 99-103.
[82] EUSÉBIO (2002), p. 102.
[83] A comparação feita por Bale entre Anne Askew e Blandina pode ser vista em ASKEW (1547a), p. 7r-10r.

caracterização que John Bale faz de Askew se assemelha muito à forma como Blandina é retratada em Eusébio.

Enquanto Blandina é caracterizada como "Pequena, frágil e desprezada, mas revestida do grande e invencível atleta, Cristo, bateria o adversário em sucessivos combates, e pelo combate seria cingida com a coroa da incorruptibilidade"[84], Askew é caracterizada como jovem, sensível e frágil[85] que encontrava sua força em Cristo[86]. Os atributos que evocam a sensibilidade e a fragilidade de ambas as mulheres apresentam-nas como modelos que se encaixam no comportamento esperado de feminilidade.

Ambas, também, são apresentadas como exemplos de perseverança, coragem e resiliência. Ao descrever o sofrimento da mártir do cristianismo primitivo, Eusébio afirma que

> Blandina, (...) foi pendurada num madeiro e ficou exposta às feras, que se lançavam sobre ela. Apenas por vê-la pendendo em forma de cruz e com sua oração contínua, infundia-se muito ânimo aos outros combatentes, que neste combate viam com seus olhos corpóreos, através de sua irmã, aquele que por eles próprios havia sido crucificado. E assim ela persuadia aos que crêem n'Ele de que todo aquele que padece pela glória de Cristo entra em comunhão perpétua com o Deus vivo. Por não ter sido tocada então por nenhuma fera, desceram-na do madeiro e de novo levaram-na ao cárcere, guardando-a para outro combate; assim, depois de vencer em mais lutas, por um lado tornaria implacável a condenação da serpente tortuosa, e por outro animaria seus irmãos... EUSÉBIO (2002), p. 102.

A reação de Blandina diante dos seus sofrimentos é, desse modo, apresentada como modelo de conduta cristã e fonte de motivação. John Bale também estabelece Anne Askew como modelo a ser seguido quando afirma sobre ela que deve ser tomada como exemplo de paciência a todos os que porventura se encontrassem na mesma situação de perseguição religiosa[87].

---

[84] EUSEBIO, (2002), p. 102.

[85] "the strength of a yonge, tendre, weake, and sycke woman (as she was at that tyme to your more confusyon)." ASKEW (1547a), p. 46v.

[86] "Whan she semed most feble, than was she most strōge. And gladlye she reioyced in that weakenesse, that Christes power myght strongelye dwell in her." ASKEW (1546), p. 9v.

[87] "An example of stronge sufferaunce myght thys holye martyr be, vnto all them that the lorde shall after lyke maner put forewarde in thys horryble furye of Antichrist, to the glorye of hys persecuted churche." ASKEW (1546), p. 10r.

As histórias de Anne Askew e de Blandina, contadas, respectivamente, por John Bale e por Eusébio seguem uma mesma estrutura narrativa: uma mulher virtuosa, exemplo de feminilidade, foi perseguida por causa de sua fé, sofrendo de castigos físicos sem, no entanto, se deixar abater por eles. Sua conduta animava os que estavam ao seu redor passando por sofrimentos análogos e, mesmo diante da morte, ela não se abateu, sendo fortalecida por Cristo, permanecendo firme até o fim.

Ao traçar um paralelo entre as duas mulheres, Bale estabelece Blandina como matriarca dos mártires dentre os primeiros cristãos e, de modo semelhante, concebe Anne Askew como matriarca dos mártires da reforma da Igreja da Inglaterra[88]. Askew, desse modo, é apresentada não como herege, nem como intrusa dentro da tradição da cristandade, mas como continuidade da história do cristianismo.

Além da construção da imagem de Anne Askew, nos prefácios das Examinações Bale busca dar sentido à sua própria função dentro da obra. Segundo sua argumentação, histórias como as de Blandina, de Askew e de outros tantos mártires cristãos não são contadas por acaso. Em primeiro lugar, elas glorificam e mostram o poder de Deus. Ademais, os relatos dos martírios são denúncias contra os que Bale classifica como cruéis e vingativos, ou seja, os algozes responsáveis pelos sofrimentos dos mártires[89]. Por fim, estabelecem exemplos de constância a serem seguidos pelos demais[90]. Desse modo, a diligência de Bale em divulgar as Examinações de Anne Askew e, para além disso, inserir seus próprios comentários, atesta o caráter testemunhal e denunciativo do projeto, que é apresentado como vantajoso para a comunidade cristã[91].

---

[88] "Though Blandina we reyonge, yet was she called the mother of martyrs. Manye men haue supposed Anne Askewe, for her Christen constancye to be no lesse." ASKEW (1546), p. 9r.

[89] "The handelynges of her other iij. companyons, shall be shewed in other seuerall treatyses at layser. For the glorye and great power of the lorde, so many festlye aperynge in hys elect vessels, maye not now perysh at all handes, & be vnthankefullye neglected but be spred the worlde ouer, as wele in Latyne as Englysh, to the perpetuall in famye of so wyll fullye cruell and spyght full tyrauntes." ASKEW (1546), p. 5r-5v.

[90] "In the prymatyne churche, as the horryble persecucyōs increased, manye dylygēt wryters collected the godlye answers and tryumphañt sufferynges of the mattyrs, as necessarye examples of Christen constancye to be folowed of other." ASKEW (1547a), p. 1.

[91] "No lesse necessarye is that offyce now, though fewe mē attempt it, nor no lesse profytable to the christē cōmōwelth than it was in those terryble dayes." ASKEW (1547a), p. 2v.

Os comentários que Bale faz intercalados aos relatos de Anne Askew ora se concentram em reforçar as bases teológicas dos posicionamentos da autora[92], ora se ocupam em exaltar suas qualidades e a firmeza de seus posicionamentos[93], ou ainda direcionam duras críticas à tradição romana[94] e aos interrogadores e algozes de Anne Askew[95]. Estão, portanto, em sintonia com as explanações de Bale nos prefácios e nas conclusões que ele escreveu.

Enquanto em ambos os prefácios das Examinações de Anne Askew Bale se ocupou em moldar a imagem de Askew como exemplo a ser seguido e como representante de uma tradição cristã milenar, nas conclusões ele deixou essas funções um pouco de lado e assumiu um caráter mais voltado à denúncia dos algozes de Askew. Bale acusa a facção conservadora responsável pelo interrogatório, tortura e condenação de Askew de querer desfazer o "mais nobre empreendimento do rei", ou seja, a ruptura com a autoridade papal[96]. Além disso, ele justifica a severidade de seus comentários e ataques, alegando que algumas pessoas se ofendem com a veemência de suas exortações, mas que elas são necessárias já que ele "não conhece nenhum tipo de caridade cristã a ser demonstrada ao diabo"[97]. Essa acidez dos comentários de "Bilious" Bale já era amplamente conhecida e, portanto, não foi exclusiva de suas intervenções na obra de Anne Askew[98]. Por essa fama, provavelmente, é que ele reserva um espaço para essas justificativas.

---

[92] "A sacrament (sayth Saynt Augustyne) ys a sygne, shappe, or symylytude of that yt represeutyth, and no God nor yet thynge represented. Thys worde reall or reallye, ys not of beleue, for yt ys not in all the sacred scriptures. Onlye ys yt sophystycallye borowed of the paganes Iernynge by wynchestre & hys fellawes, to corrupt our Christen saythe. Be ware of that fylthye poyson. The perfyght beleue of Steuen, Actorum vij. of Paule Act. 17. and of Salomon, 3. Regum 8. et 2. Parali. 6. was, that God dwelleth not in temples made with handes. Agreable vnto thys was the faythe of thys godlye woman, whych neyther coulde beleue that he dwelleth in the boxe." ASKEW (1546), p. 2r.

[93] "But most dyscrete and godlye was the womannys answere, declarynge her a ryght membre of Christ." ASKEW (1546), p. 25v.

[94] "No confortable scriptures, nor yet anye thynge to the sowles consolacyon, maye come out of the mouthes of these spyrytuall fathers, But dogges rhetoryck and curres curtesye, narrynges, brawlynges, and quarellynges." ASKEW (1546), p. 32v.

[95] "What other enemyes tempteth here Anne Askewe, thā the Byshopp of London, mastre Ryche, and doctor Shaxton, besydes the great Cayphas of Wynchestre with hys spyghtfull (I shuld saye) spirytuall rable, or who els procureth her deathe?" ASKEW (1547a), p. 39r.

[96] "They haue thought and yet thynke by their terryble turmoylynges to turne ouer all, & to chāge the most noble enter prise of our kynge, yet ones agayn layser lye, to their popes behoue." ASKEW (1546), p. 42v.

[97] "Gentyll and soft wyttes are oft tymes offended, that we are now a dayes so vehement in rebukes.(...) Surelye I knowe no kynde of Christen charyte to be shewed to the deuyll." ASKEW (1546), p. 44r-44v.

[98] PENDER (2012), p. 37.

Além de denunciar, Bale faz questão extrair uma fonte de esperança nas perseguições retratadas. Anne Askew e os outros que foram queimados como hereges são retratados como vítimas vitoriosas. Seus inimigos, embora tenham lhes causado dor e sofrimento, terminaram derrotados, pois – de acordo com Bale – muitos e converteram à causa reformada (ou a Cristo, como ele define)[99].

Conforme foi demonstrado ao longo do presente capítulo, a participação de Bale como primeiro editor e difusor da obra de Anne Askew não pode ser menosprezada. Quando o leitor chega aos relatos escritos por Askew, já tem definido os lados da história, quem são as vítimas e quem são os algozes. Ela já está estabelecida como mulher delicada, e gentil, porém convicta. O texto do editor tem tamanha influência que pode até mesmo se sobrepor aos escritos da própria autora, de modo que o prefácio de Bale dá o tom da leitura, e seus comentários e conclusões arrematam o sentido que se confere às Examinações de Anne Askew.

[99] "Full manye a Christen hart haue rysen and wyll ryse from the pope to Christe through the occasyon of their consumynge in the fyre." ASKEW (1547a), p. 67v.

Capítulo 2

"FOR ALL MEN TO FOLLOWE"
As intervenções editoriais de John Foxe

As Examinações de Anne Askew foram impressas em diversas edições nos anos subsequentes à publicação de *The First* e *The Latter Examinations*. Em 1547, ambas foram impressas em um mesmo volume, em Londres, e nessa edição foram mantidos os comentários do primeiro editor. No ano seguinte, houve uma nova impressão, mas desta vez sem as intervenções de Bale. O mesmo acontece com as edições de 1560 e 1585[100]. Além dessas reedições, os relatos de Askew foram ainda incorporados aos *Acts and Monuments* de John Foxe (1516/17-1587), desde a sua primeira edição em 1563.

John Foxe nasceu em Lincolnshire. Durante sua juventude, viveu toda a conturbação das mudanças religiosas ocorridas em decorrência do Ato de Supremacia e teve contato com ideias protestantes, convertendo-se à fé reformada[101]. Durante o reinado de Eduardo VI, iniciou a publicação de algumas obras[102]. A ascensão da rainha Mary, em 1553, e a perseguição aos que professavam a fé reformada levaram Foxe ao exílio no continente, de onde escreveu sua primeira obra sobre a história dos mártires, *Commentarii rerum in ecclesia gestarum*, de 1554[103]. Após a morte da rainha Mary, em 1558, Foxe retornou à Inglaterra e conheceu o impressor John Day (1522-1584), com quem iniciou uma colaboração que resultou em sua mais importante publicação: *Acts and Monuments*.

A principal obra de Foxe, popularmente conhecida como o Livro dos Mártires, é uma importante compilação de diversos relatos de perseguição religiosa que privilegia o ponto de vista protestante. A influência exercida por esta obra na Inglaterra é somente superada pela Bíblia e pelo Livro de Oração Comum da Igreja Anglicana, tendo um papel de grande relevância na formação da consciência nacional inglesa, da identidade protestante e no antagonismo ao catolicismo romano[104].

---

[100] Todas as fontes observadas para o presente trabalho serão listadas ao final.
[101] KING (2009), p. i.
[102] Como é o caso de *Denon plectendis morte adulteri consultatio*, de 1548, um tratado no qual Foxe se opõe à execução de adúlteros. Durante esse período, publicou ainda *De censura sive excommunicatione ecclesiastica*, em 1551, no qual defendeu o uso disciplinar da excomunhão em casos de infrações religiosas e sociais. KING (2009), p. xviii.
[103] Escrita em latim, a obra foi precussora de *Acts and Monuments*. KING (2009), p. xviii.
[104] KING (2009), p. xi.

A primeira edição dos *Acts and Monuments*, de 1563, foi impressa no formato in-fólio. Via de regra, as páginas estão dispostas em duas colunas, entretanto, há algumas exceções. Por todo o documento podem ser vistos comentários na marginália que chamam a atenção para aspectos específicos dos textos. Ao todo, o documento tem 1896 páginas, numeradas na parte superior. Há, porém, alguns erros na numeração das páginas, algumas encontram-se fora de ordem, inclusive as 10 páginas nas quais estão inseridas as Examinações de Anne Askew. Apesar disso, não houve prejuízo à sequência do texto. A parte do documento que corresponde às Examinações (ver Figura 4) pode ser dividida da seguinte forma: 1) brevíssima introdução; 2) *The first Examinacyon* 3) *The Lattre Examinacyon;* 4) conclusão de Foxe; 5) imagem xilográfica; 6) John Lasselles, John Adams e Nicolas Belenian – os companheiros que morreram com Askew.

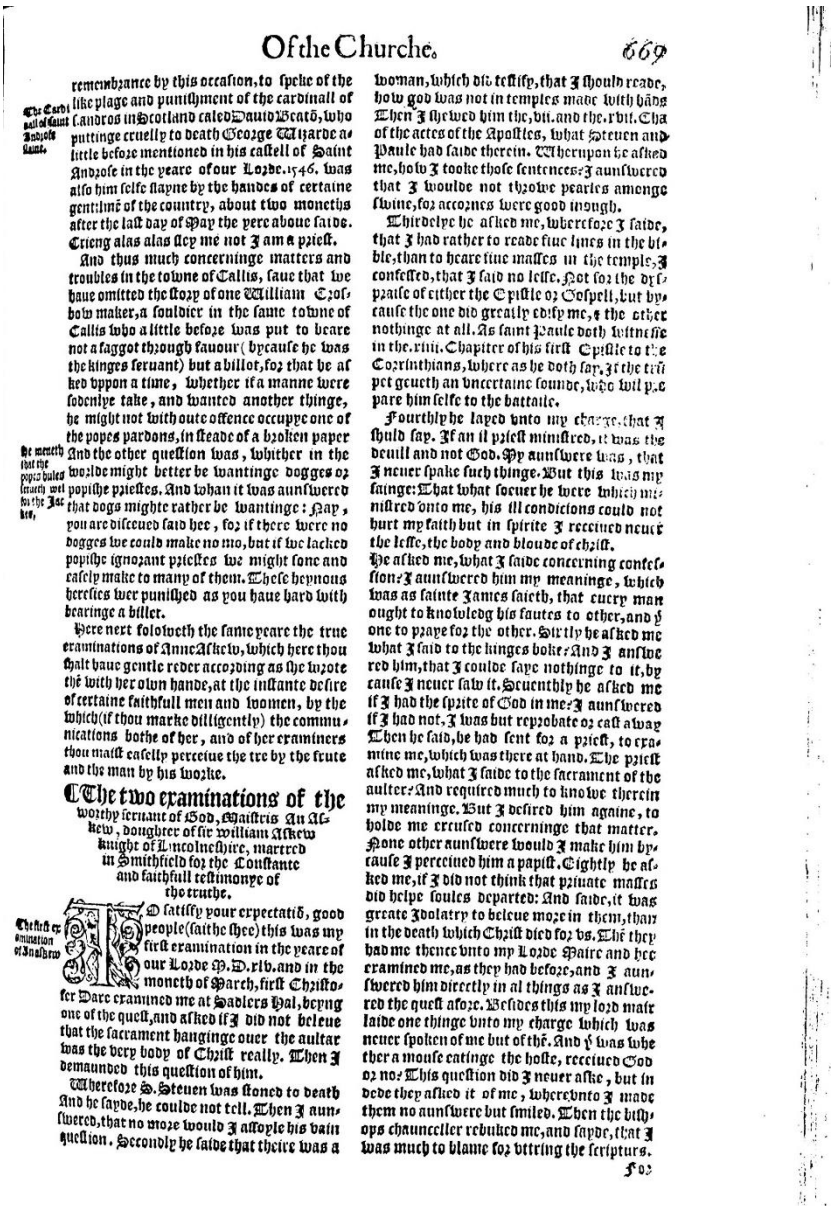
O fato de estar inserido em um livro com claro objetivo já diz muito sobre o modo como as Examinações de Askew são incorporadas à obra e sobre o sentido atribuído ao texto. Evidentemente, os comentários feitos por Bale não se encontram na obra de Foxe, haja vista que ele próprio faz os comentários que lhe interessam. Se comparado com as respectivas primeiras edições de *The First* e *The Latter Examination*, é possível ver que o relato de Anne Askew na obra de Foxe tem uma importante diferença. Cabe aqui um breve esclarecimento acerca desta modificação.

Em *The Latter Examination*, há algumas menções a sir William Paget, homem bem posicionado no governo de Henrique VIII[105] e que foi uma das pessoas que tentaram persuadir Anne Askew a falar mais abertamente com seus interrogadores, argumentando inclusive, que ela poderia posteriormente negar o que dissesse naquele momento[106]. Ao observar as edições sobreviventes da impressão de 1547 editada por Bale, é possível ver que algumas delas sofreram censura, incluindo a que foi consultada para a presente pesquisa. O trecho censurado foi o comentário em que John Bale fez duras críticas a sir William Paget[107]. Assim, a parte superior da página 23 – da edição de 1547 de *The Latter*

[105] Paget era secretário de Henrique VIII e se manteve no cargo durante o reinado de Eduardo VI. FREEMAN; WALL (2001), p. 1171.

[106] "Then came mastre Pagett to me with manye gloryouse wordes, and desyred me to speake my mynde to hym. I myght (he sayd) denye it agayne, if nede were." ASKEW (1547a), p. 20r.

[107] "Not all unlike is thys Pagett here, unto those graye fryres whych made of Christ but a fygure or shaddowe (...)". O trecho aqui apresentado foi recortado da fonte utilizada na presente pesquisa, entretanto, pode ser consultado em BEILIN (1996), p. 101.



Of the Churche. 669

remembrance by this occasion, to speke of the like plage and punishment of the cardinall of Landros in Scotland caled David Beatō, who puttinge cruelly to death George Wizarde a little before mentioned in his castell of Saint Androse in the yeare of our Lorde. 1546. was also him selfe slayne by the handes of certaine gentilmē of the country, about two moneths after the last day of May the yere above saide. Crieng alas alas fley me not I am a priest.

The Cardinall of Saint Andrews slaine.

And thus much concerninge matters and troubles in the towne of Callis, saue that we haue omitted the story of one William Crossbow maker, a souldier in the same towne of Callis who a little before was put to beare not a faggot through fauour (bycause he was the kinges seruant) but a billet, for that he asked vppon a time, whether if a manne were sodenlye take, and wanted another thinge, he might not withoute offence occupye one of the popes pardons, in steade of a broken paper And the other question was, whither in the worlde might better be wantinge dogges or popishe priestes. And whan it was aunswered that dogs might rather be wantinge: May, you are deceued said hee, for if there were no dogges we could make no mo, but if we lacked popishe ignorant priestes we might sone and easely make to many of them. These heynous heresies wer punished as you haue hard with bearinge a billet.

He meneth that the popes bules serued well for the Iacke.

Here next foloweth the same yeare the true examinations of Anne Askew, which here thou shalt haue gentle reder according as she wrote thē with her own hande, at the instante desire of certaine faithfull men and women, by the which (if thou marke dilligently) the communications bothe of her, and of her examiners thou maist easelly perceiue the tre by the frute and the man by his worke.

¶ The two examinations of the worthy seruant of God, Maistris Anne Askew, doughter of sir William Askew knight of Lincolneshire, marred in Smithfield for the Constante and faithfull testimonye of the truthe.

The first examination of Anne Askew

TO satisfy your expectatiō, good people (saithe shee) this was my first examination in the yeare of our Lorde M.D.xlv. and in the moneth of March, first Christofer Dare examined me at Sadlers Hal, beyng one of the quest, and asked if I did not beleue that the sacrament hanginge ouer the aultar was the very body of Christ really. Then I demaunded this question of him.

Wherefore S. Steuen was stoned to death And he saydde, he coulde not tell. Then I aunswered, that no more would I answyle his vain question. Secondly he saide that theire was a woman, which dis tesifyd, that I should reade, how god was not in temples made with hādes Then I shewed him the, vii. and the. xvii. Chap of the actes of the Apostles, what Steuen and Paule had saide therein. Wherupon he asked me, how I tooke those sentences: I aunswered that I woulde not throwe pearles amonge swine, for acornes were good inough.

Thirdelye he asked me, wherefore I saide, that I had rather to reade fiue lines in the bible, than to heare fiue masses in the temple, I confessed, that I said no lesse. Not for the dyspraise of either the Epistle or Gospell, but bycause the one did greatly edify me, & the other nothinge at all. As saint Paule doth witnesse in the. xiiii. Chapiter of his first Epistle to the Corinthians, where as he doth say, If the trumpet geueth an vncertaine sounde, who will prepare him selfe to the battaile.

Fourthly he layed vnto my charge, that I shuld say. If an il priest ministred, it was the deuill and not God. My aunswere was, that I neuer spake such thinge. But this was my saynge: That what soeuer he were which ministred onto me, his ill condicions could not hurt my faith but in spirite I receiued neuer the lesse, the body and blounde of christ.

He asked me, what I saide concerning confession: I aunswered him my meaninge, which was as sainte James saieth, that euery man ought to knowledg his fautes to other, and ý one to praye for the other. Sirtly he asked me what I said to the kinges boke: And I answered him, that I coulde saye nothinge to it, bycause I neuer saw it. Seuenthly he asked me if I had the spirite of God in me: I aunswered if I had not, I was but reprobate or cast away Then he said, he had sent for a priest, to examine me, which was there at hand. The priest asked me, what I saide to the sacrament of the aulter: And required much to knowe therein my meaninge. But I desired him againe, to holde me excused concerninge that matter. None other aunswere would I make him bycause I perceiued him a papist. Eightly he asked me, if I did not think that priuate masses did helpe soules departed: And saide, it was greate Idolatry to beleue more in them, than in the death which Christ died for vs. Thē they had me thence vnto my Lorde Maire and her examined me, as they had before, and I aunswered him directly in al things as I answered the quest afore. Besides this my lord maire laide one thinge vnto my charge which was neuer spoken of me but of thē. And ý was whether a mouse eatinge the hoste, receiued God or no: This question did I neuer aske, but in dede they asked it of me, wherevnto I made them no aunswere but smiled. Then the bishops chaunceller rebuked me, and saydde, that I was much to blame for vttring the scriptures.

For

Figura 4. Página na qual se inicia o texto das Examinações de Anne Askew nos Acts and Monuments de Foxe.

Examination[108] – foi recortada de alguns exemplares, inclusive no exemplar que compõe o *corpus* documental da pesquisa, de modo a eliminar as quatro primeiras linhas do texto. O verso da página anterior foi colado a ela, suprimindo os comentários que Bale fez sobre Paget. Entretanto, nem todos os exemplares sofreram essa censura, como por exemplo, as cópias que se encontram na Bodleian Library e na Universidade de Harvard.[109] O motivo de se ter censurado este trecho é que Paget manteve-se como figura importante no regime protestante de Eduardo VI e ser implicado como um dos inimigos de Askew,

[108] STC 850.
[109] BEILIN (1996), p. xlvii.

um daqueles que participaram de sua condenação, causava embaraço a ele e ao governo do qual fazia parte.

A edição impressa posteriormente no mesmo ano, em Londres, reunindo as duas Examinações[110], manteve a censura do trecho que se tentou esconder, de modo que ele foi excluído da impressão. Em 1548, foi feita uma nova edição das Examinações, na qual há a supressão de uma parte ainda maior da obra, eliminando por completo qualquer tipo de menção a sir William Paget. Sua participação, a partir de então, foi apagada dos interrogatórios de Askew e nenhuma menção do seu nome foi vista nas edições posteriores, inclusive nos *Acts and Monuments*. Este é mais um exemplo do potencial político e difamatório da obra de Anne Askew. Por meio da construção da imagem feita pelos editores, Askew ficou estabelecida como a "heroína" da história e seus antagonistas, por consequência, como os vilões.

Para além das partes suprimidas em favor de Paget, os *Acts and Monuments* trazem outras novidades[111]. Logo após a reprodução do relato que Askew fez em *The First Examination* acerca da carta de retratação escrita pelo Bispo para que ela assinasse, Foxe anexou o documento na íntegra, tendo em vista que Anne Askew fez referência a ele de memória, pois alegou não ter recebido uma cópia. Antes de reproduzir o documento, Foxe dirigiu-se aos leitores para prestar esclarecimentos[112]. Ao justificar as

[110] STC 851.

[111] É preciso esclarecer que para o presente trabalho foi analisada apenas a primeira edição de *Acts and Monuments*, impressa em 1563. Sabe-se que a obra sofreu significativas adições e alterações em edições posteriores, mas estas não serão aqui abordadas.

[112] "And for as much as mention here is made of the Writīg of Boner, which this godly Ann sayd before she had not in memory, therfore I thought in this place to infer the same, both with the whol circumstance of Boner, & with the title therunto prefixed by the register, & also with her owne subscription: to the entent the reader seing the same subscription nether to agre with the time of the title aboue prefixed, nor with the subscription after the writing annexed, he might the better vnderstād therby what credit is to be geuē hereafter to such bishops, and to such regesters. The tenor of Boners wriing procedeth thus." FOXE (1563), p. 728 [672].

razões pelas quais optou pela anexação deste documento, Foxe chamou a atenção para duas partes[113]: o preâmbulo[114] e a assinatura[115].

O preâmbulo declara que a publicação deste documento tem a intenção de "mostrar ao mundo o tipo de credibilidade que deveria ser dada a uma mulher que em tão pouco tempo mudou de opinião e crença sendo, portanto, justamente julgada e condenada"[116]. Por meio desta declaração, pode-se observar que o tal documento só foi publicado um ano depois de supostamente ter sido assinado por Askew. Esse fato, além de pôr em dúvida sua autenticidade, leva a crer que foi divulgado com a dupla intenção de difamar Anne Askew e justificar o rigor de seu tratamento[117], haja vista que havia sido torturada pouco antes de sua execução – procedimento incomum no que diz respeito à uma mulher, ainda mais sendo de família importante[118].

A assinatura também causa estranheza. Primeiramente, por estar em contradição com o que Askew afirma ter escrito no documento: "I Anne Askewe do beleue all maner thynges contayned in the faythe of the Catholyck churche"[119]. Além de o documento não apresentar essa declaração, a menção ao seu sobrenome de casada não está de acordo com

---

[113] "Here maist thou note gentle reader in thys confessyon bothe in the bishop and his regester a double sleight of false conueyaunce. For although the cōfession purporteth þ^e words of the bishops wryting. Whervnto she did set to her hand: yet by the title prefixed before maist thou see that both she was araigned and cōdemned before this was registred, and also that she is falsly reported to haue put to her hand whyche in dede by this her owne booke appeareth not so to be, but after this manner and condition. I Anne Askew do beleue al manner thinges contained in the faith of the Catholike church, and not otherwise." FOXE (1563), p. 729 [682].

[114] "The true copy of the confession and beliefe of Anne Askew otherwise called Anne Kime made before the bishop of London the. xx. day of March in the yere of oure Lorde God after the computation of the church of Englād. 1544 and subscribed with her owne hand in the presēce of the said B. and other whose names here after are resited, setforth & published at this present, to the entent the world may see, what credence is now to be geuen vnto the same womā who in so short a time hath most dampnably altered and changed her opinion and beliefe and therfore rightfully in open court arrayned and condempned." FOXE (1563), p. 728 [672].

[115] "By me Anne Askew, otherwise called Anne Kime". FOXE (1563), p. 729 [682].

[116] Ver nota 114.

[117] BEILIN (1996), p. xxxi.

[118] BEILIN (1996), p. xxvii. Askew inclusive afirma que a divulgação de sua tortura aborreceu o Conselho: "I vnderstande, the counsell is not a lyttle dyspleased, that it shulde be reported abroade, that I was racked in the towre They saye now, that they ded there, was but to fear me. Wherby I perceyue, they are ashamed of their vncomelye doynges, and feare moch least the kynges mageste shulde haue in fourmacyon therof. Wherfor they wolde no man to noyse it. Well, their crueltye God forgeue them." ASKEW (1547), p. 50v.

[119] Segundo Elaine Beilin, o termo "Católico" estava em disputa entre os católicos romanos e os reformados. Ao usar esse termo, portanto, Askew estava na verdade declarando sua dissidência da doutrina romana e reafirmando sua crença de que a Igreja Reformada era a verdadeira igreja universal (católica). BEILIN (1996), p. xxxi, 62.

o procedimento dela. As Examinações ela assina: “Written by me Anne Askewe” em *The First Examination* e “By me Anne Askewe” em *The Latter Examination*, sem fazer qualquer menção ao sobrenome Kyme[120]. Ela, na verdade, parece bastante resistente em sequer mencionar o marido. Não é, portanto, coerente com sua postura assinar um documento fazendo menção ao fato de ter sido casada anteriormente, o que pode ser mais um indício da não autenticidade da retratação.

Tanto Foxe quanto Bale se negaram a aceitar a retratação de Askew como sendo um indício de apostasia. Ambos buscaram mostrar que foi uma falsa retratação, que ao adicionar uma declaração de próprio punho, Askew estava, na verdade, desafiando a autoridade do Bispo. De fato, não seria interessante para os propósitos de ambos que ela fosse associada à apostasia. Ao transcrever o mencionado documento e apontar para possíveis indícios que testemunham contra a idoneidade deste, portanto, Foxe reforçou a imagem de Anne Askew enquanto vítima de homens poderosos, que usaram dos recursos que estavam ao alcance para difamá-la, buscando assim justificar seus próprios atos.

Para além dos comentários referentes ao mencionado documento, Foxe fez ainda outros tipos de intervenções, estas mais discretas ao primeiro olhar, como algumas anotações na marginália. Apesar de as anotações que o editor adicionou aos relatos de Askew nos *Acts and Monuments* serem poucas, uma observação mais apurada mostra que Foxe deliberadamente direciona a atenção do leitor para passagens específicas[121]. Dentre as treze anotações desse tipo que são encontradas na passagem que interessa à presente pesquisa, apenas duas cumprem a função de auxiliar na organização do texto. Uma delas indica o início de *The First Examination*, enquanto a outra marca o ano em que se passa *The Latter Examination*[122].

As demais anotações cumprem três funções: apontar os antagonistas de Askew e, por consequência, da fé reformada, destacar as doutrinas que constituem pontos de divergência nas disputas religiosas da época e exaltar atributos de Askew. Assim, algumas pessoas, bem como o papel que desempenharam no desenrolar das Examinações de

[120] BEILIN (1996), p. xix.
[121] KING (2006) p. 64.
[122] FOXE (1563), p. 725 [669] e 729 [682].

Askew, ganham destaque especial por meio dessas notas indicativas. Dr. Standish[123], representando as armadilhas daqueles que insistiam para que ela revelasse suas opiniões, Bonner[124], como alguém cuja falsidade havia sido revelada por meio do documento de retratação que Foxe reproduziu, Wriothesley e Rich[125], por serem os algozes que torturaram Askew.

Algumas anotações destacam as opiniões defendidas por Askew acerca de algumas doutrinas, dentre elas o Sacramento[126], ponto fulcral nos interrogatórios aos quais ela foi submetida. A crença na suficiência das Escrituras também mereceu menção[127]. Certas posturas de Askew foram evidenciadas e dizem respeito às reações que ela teve diante daqueles que a reprovavam ou buscavam convencê-la a mudar de opinião. A dura resposta oferecida a um acusador[128], o silêncio com o qual suportou a tortura[129], a oração com a qual busca forças em Deus[130] e a recusa a receber o perdão real mesmo sabendo que isso significaria a morte certa[131] ajudam a construir essa mártir que Foxe define como exemplo a ser seguido.

As informações omitidas por Foxe também podem ser relevantes para a presente análise. Diferentemente de Bale, ele não oferece em sua obra detalhes acerca da vida pessoal de Anne Askew, sua origem e especialmente o fato de ter abandonado o marido. Freeman e Wall argumentam que esta omissão pode se dever ao fato de que Foxe considerou este dado como um ponto vulnerável na vida de Askew, o qual poderia ser explorado pelos opositores da fé protestante[132]. Bale, por sua vez, menciona a separação entre Askew e Kyme, entretanto, constrói uma narrativa de modo a justificar a atitude

---

[123] "D. Stādish". FOXE (1563), p. 728 [672]. John Standish (1507?-1570), indicado pelo Bispo Bonner como reitor de St. Andrew Undershaft. BEILIN (1996), p. 173.
[124] Edmund Bonner (1500-1569), Bispo de Londres. "The tenor of Boners writing whereunto An Askew suscrybed". FOXE (1563), p. 728 [672]. "Boner and his regester reproved wyth na vntruth". FOXE (1563), p. 729 [682].
[125] "Wrisler & Rich racking Anne Askewe". FOXE (1563), p. 732 [676].
[126] "The beliefe of Anne Askew concerning the sacramēts" 731 [675]. "The matter and cause why Anne Askew suffered death". FOXE (1563), p. 733 [680]. "The masse abhominable Idol" FOXE (1563), p. 733 [680].
[127] "Scripture suficiente to our salvatiō". FOXE (1563), p. 733 [680].
[128] "Rashe iudgement reproved". FOXE (1563), p. 727 [671].
[129] Ver nota 125.
[130] "The praier of Anne Askew". FOXE (1563), p. 733 [680].
[131] "Anne Askew refused the kinges pardon". FOXE (1563), p. 733 [680].
[132] FREEMAN; WALL (2001), p. 1180-1181.

dela[133]. Em primeiro lugar, argumenta que Askew se casou contra sua vontade, mas ainda assim, uma vez casada, submeteu-se ao marido como era o dever de uma mulher cristã. O fato de Askew ler a Bíblia e adotar posicionamentos divergentes aos esperados pela igreja oficial causou atrito com alguns sacerdotes e seguindo o conselho deles, Kyme a expulsou de casa violentamente. Sentindo-se livre, Askew se recusou a retornar. Bale usa ainda um texto bíblico[134] para afirmar que a atitude dela foi correta e era baseada nas Escrituras. Foxe possivelmente pensou que estes argumentos não eram suficientes para justificar o abandono do lar e julgou melhor não mencionar o fato.

Ao final do relato das Examinações, Foxe fez um último comentário, ocupando-se em relatar "o fim e o martírio" de Anne Askew. A imagem que ele conseguiu transmitir é poderosa: uma mulher já debilitada fisicamente pela tortura sofrida, a ponto de ter que ser carregada em uma cadeira ao local de execução e precisar ser amarrada ao poste com correntes por não conseguir sustentar o próprio corpo[135]. Foi-lhe oferecida ainda mais uma chance de escapar da execução por meio do perdão real. Ela recusou. Nicholas Shaxton, retratando-se de suas declarações de cunho reformado, foi o responsável pelo

---

[133] "Cōcernynge mastre Kyme, thys shuld seme to be the matter. Her father Sir Wyllyam Askewe knyght and hys father olde mastre Kyme, were sumtyme of famyyaryte and neybers within the countye of Lyncolne shyre. Wherupon the seyd Sir Wyllyam, couenaunted wyth hym for lucre, to haue hys eldest doughter marryed with hys sonne and heyre (as an vngodlye maner it is in Englande moch vsed amonge neble men) And as it was her chaunce to dye afore the tyme of marryage, to saue the money he constrayned thys to supplye her rowme. So that in the ende she was cōpelled agaynst her wyll or fre consent to marrye with hym. Notwithstandynge the marryage ones past, she demeaned her selfe lyke a Christen wyfe, aud had by hym (as I am infourmed) ij. chyldrē. In processe of tyme by oft readynge of the sacred Bible, she fell clerelye from all olde superstycyons of papystrye, to a perfyght beleue in Ihesus Christ Wherby she so offēded the prestes (as is to be seane after) that he at their suggestion, vyolentlye droue her oute of hys howse. Wherupō she thought her selfe free frō that vncomelye kynde of coacted marryage, by thys doctryne of S. Paule 1 Cor. 7. If a faytfull womā haue an vnbeleuynge husbāde, whych wyll not tarrye with her she maye leaue hym. For a brother or syster is not in subieccyō to soch, specyallye where as the marryage afore is vnlawfull". ASKEW (1547a), p 15r-15v.

[134] "Da mesma forma, se uma mulher tem marido incrédulo, mas este consente em viver com ela, não se separe dele. Porquanto o marido descrente é santificado por causa da esposa cristã; e a esposa incrédula é santificada por causa do marido crente. Se assim não fosse, seus filhos seriam impuros, mas agora são santificados. No entanto, se o incrédulo decidir separar-se, que se separe. Em tais circunstâncias, nem o irmão nem a irmã estão sujeitos à servidão; pois Deus nos chamou para vivermos em paz. Porquanto, como podeis saber, ó mulher, se salvarás teu marido? Ou, como sabes, ó homem, se salvarás tua mulher? Cada um viva conforme seu chamado." BÍBLIA (2011), 1 Coríntios 7,13-16.

[135] "Hetherto we haue intreated of this good womā, now it remaineth þ^{t} we touch somwhat as touhing her end & martyrdom. She beynge borne of such stock & kynred, þ^{t} she might haue lyued in great wealth & prosperitie, if she wold rather haue folowed the world thē Christ, but now she was so tormented, þ^{t} she could neither liue long in so great distres, neither yet by the aduersaries be suffred to die in secret. wherfor the daie of her execution was appointed, & she brought into Smithfielde in a chayre, because she could not go on her feete, by meanes of her great tormentes, when she was brought vnto þ^{e} stake, she was tied by þ^{e} middle with a chaine, that helde vp her body, (...)" Foxe (1563), p. 733 [680].

sermão com o qual exortava Askew uma última vez a se retratar. Ela novamente se recusou e morreu na fogueira, "encerrando o longo curso de suas agonias"[136]. A morte assim é apresentada como alívio, como descanso[137]. A dificuldade vivida não é vista como punição, nem como abandono divino, mas como oportunidade de ser testemunha de Deus na terra[138].

Com as palavras finais desse comentário e também com o relato que Foxe fez logo em seguida acerca do martírio dos três companheiros que morreram junto com Askew – John Lassells, John Adams e Nicholas Belenian – o editor se ocupou em estabelecer Askew como "um exemplo singular de constância cristã para todos os homens seguirem"[139]. Segundo ele, a postura de Askew encorajou e confortou aqueles homens em seus momentos finais[140].

Cabe ainda acrescentar que, diferentemente do que Bale relatou, Foxe não comentou acerca de nenhum evento sobrenatural marcando a morte de Askew. Apesar disso, a xilogravura (ver Figura 5) que se encontra nos *Act and Monuments* para representar a execução de Askew e seus companheiros mostra o relâmpago descrito por Bale. A imagem como um todo é consistente com o relato apresentado por este: as quatro pessoas a serem executadas, um pregador no púlpito – Shaxton, nesse caso – e um palanque com as autoridades. Esta xilogravura é uma amostra do cuidado que John Day – colaborador de Foxe – teve ao selecionar as imagens para a composição dos *Acts and Monuments*. Elas deveriam funcionar como extensão à leitura da obra, sendo capazes de

---

[136] "(...) when all thinges were thus prepared to the fire, the kinges letters of pardon were brought, wherby to offer her safe garde of her life if she would recant, which she would neither receaue, neither yet vouchsafe once to loke vpō. Shaxton also was there present who openly þ^{t} day recanting his opiniōs, went about with a long oration to cause her also to turne, against whome she stoutly resisted." Foxe (1563), p. 733 [680].

[137] "Thus she being troubled so many maner of waies, & hauing passed through so many tormēts, hauing now ended the lōg course of her agonies, being cōpassed in with flames of fire, as a blessed sacrifice vnto God, she slept in the Lorde, in An. 1546. leauing behind her a singular example of Christen constancie for all men to folowe." Foxe (1563), p. 733 [680].

[138] WEIMER (2011), p. 148.

[139] Ver nota 137.

[140] "It happened well for them, that they died together with Anne Askewe. For albeit that of thē selues they were strong and stout menne, yet through the exāple & praier of her, thei being þ^{e}more boldned, receyued occasion of more greater comforte, in that so painfull and doolefull kynde of death, not only beholdyng her inuincible constancie, but also oftentimes stirred vp through her perswasions, they did set apart all kynde of feare." FOXE (1563), p. 734 [666].

Figura 5. Xilogravura presente em Acts and Monuments representando a morte de Askew e seus companheiros.

causarem impacto até mesmo no público iletrado, guardando coerência com o conjunto da obra como argumenta King[141].

Há pesquisas que argumentam que, enquanto Bale exerceu um papel invasivo por meio de seus extensos comentários nas Examinações, impondo uma interpretação equivocada, Foxe manteve-se discreto, deixando que o texto falasse sobre si, fazendo apenas intervenções de modo a complementar o texto e não dominá-lo[142]. Demonstrou-se aqui, entretanto, que John Foxe, assim como John Bale, por meio de suas intervenções

[141] KING (2006), p. 18.
[142] FREEMAN; WALL (2001), p. 1167.

editoriais, buscou remodelar as Examinações e influenciar o modo como o leitor deveria interpretar a obra.

Embora Bale tenha feito uma intervenção mais extensa na obra e tenha influenciado John Foxe tanto por meio de suas obras quanto pelo contato pessoal que tiveram[143], as Examinações de Askew com a edição de Foxe provavelmente tiveram alcance maior do que aquelas editadas por Bale, haja vista que pouco tempo após terem sido publicadas pelo primeiro editor, as Examinações passaram a ser impressas sem os comentários dele. Outro fator que não se pode desprezar é a ampla disseminação da obra de Foxe e a forte influência que exerceu na Inglaterra do período, conforme o que foi discutido no início do presente capítulo.

A intervenção editorial de Foxe nas Examinações de Anne Askew na edição de 1563 de *Acts and Monuments*, portanto, embora pareça tímida se comparada com a extensão dos comentários de Bale, também enquadra o relato de Anne Askew de acordo com o propósito do conjunto da obra. Ela é apresentada como um ser quase transcendental, efeito atingido pela omissão dos aspectos pessoais de sua vida e por suas reações contidas diante do martírio. A apresentação da postura firme, controlada e encorajadora, mesmo a poucos instantes de sua morte, estabelecem-na como mártir, como modelo a ser seguido, como monumento à causa reformada.

[143] Como demonstrado por KING (2009), p. xvii-xx.

Considerações Finais

O fato de se encontrar em uma das obras de maior circulação dos séculos XVI e XVII difundiu as Examinações de Anne Askew por toda a Inglaterra ao longo desse período. A presença do relato em uma obra de tamanha importância contribuiu para a notoriedade da história, originando outras interpretações e até mesmo outras versões sobre a vida de Anne Askew. Isso é um indicativo da popularidade que a obra alcançou nos séculos XVI e XVII e da importância de Bale e Foxe como divulgadores das Examinações[144]. Um exemplo da disseminação e popularização da obra pode ser encontrado em outra tipologia documental.

Trata-se de duas cópias remanescentes de uma balada que circulou no século XVII chamada *A Ballad of Anne Askew intituled: I am a woman poor and blind*. A primeira impressão encontra-se datada de 1624, enquanto que a outra de 1670 (Ver Figuras 6 e 7). É pouco provável que o texto da balada tenha sido escrito por Anne Askew, apesar de Bale ter inserido em sua obra uma versão que Askew teria feito sobre o Salmo 54 e *The Balade whych Anne Askew made and sang whan she was in Newgate*. Isso sugere que Askew, de fato, se aventurava a escrever nesse gênero[145].

Ambas as baladas foram impressas, como é típico desse gênero documental, em formato de *broadside*, sendo que a versão de 1624 foi impressa ao lado de outra balada. As características do *broadside* – texto impresso em uma única folha de papel, normalmente de grande formato e impressa em apenas um lado –, fazem com que este seja um tipo de veículo com o potencial de alcançar ampla audiência, de inúmeras formas. Angela McShane afirma que "alguns [*broadsides*] chegavam por correspondência, muitos eram comprados em lojas, de vendedores ambulantes em feiras ou de mascates na rua. Muitos mais eram encontrados gratuitamente, pois além de serem declamados, o fato de serem impressos em apenas um lado possibilitava que fossem colados ou fixados em espaços públicos"[146]. Era, assim, um veículo utilizado para reproduzir documentos oficiais, como proclamações, instruções e declarações, bem como gêneros destinados ao

[144] FREEMAN; WALL (2001), p. 1166.
[145] BEILIN (1996), p. xxxix.
[146] MCSHANE (2011), p. 339-341.

comércio varejista de impressos na Idade Moderna, tais quais poemas, cartilhas e baladas[147].

As baladas, por sua vez, tratavam de temas diversos: “amor e casamento, religião e moral, trabalho e lazer”[148]. O objetivo dos escritores desse tipo de gênero não era noticiar, mas explorar o potencial moralista, religioso, político ou cômico de cada história. Transformando acontecimentos ou histórias fictícias em canções, tornavam-nas acessíveis e relevantes para o maior número possível de pessoas[149].

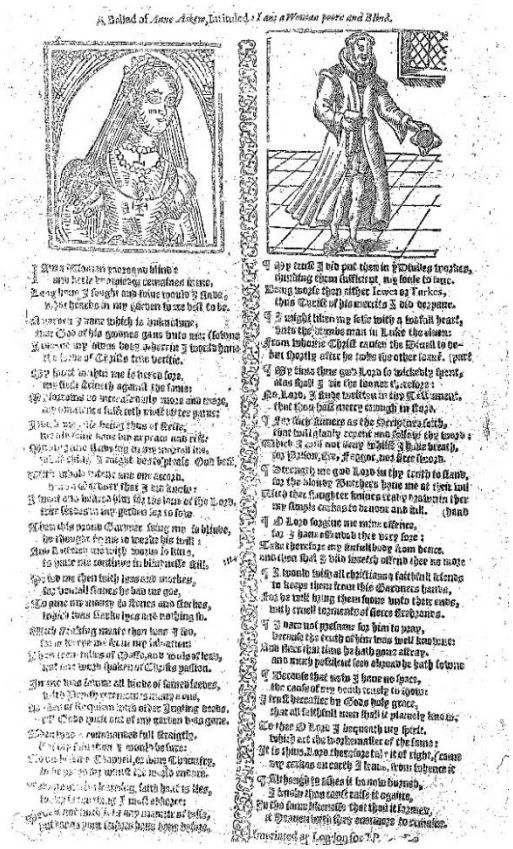
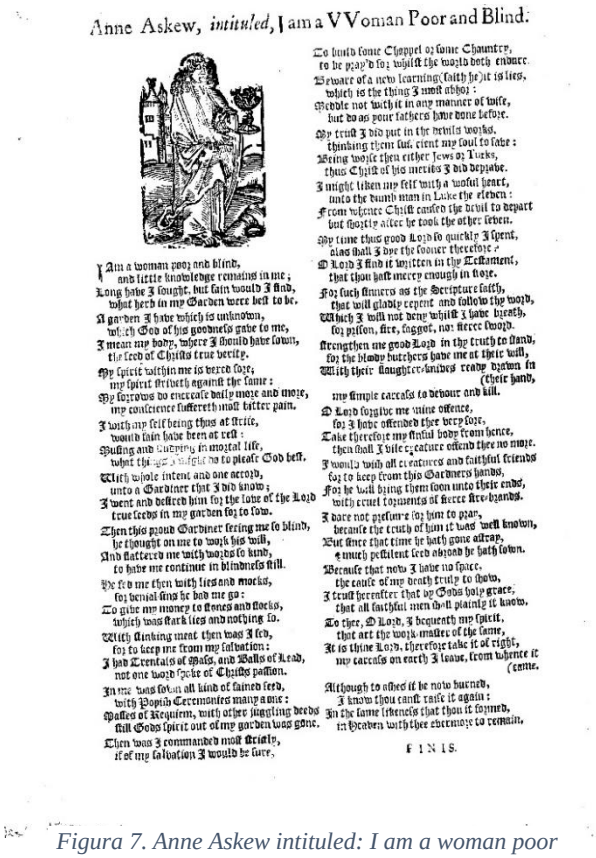


Figura 6. A Ballad of Anne Askew intituled: I am a woman poor and blind (1624).



Anne Askew, *intituled*, I am a VVoman Poor and Blind.

Figura 7. Anne Askew intituled: I am a woman poor and blind (1670).

Desse modo, circulou no século XVII uma nova versão da história de Anne Askew, difundida em gênero acessível e popular. Na balada, Askew é apresentada como uma mulher metaforicamente pobre e cega, indefesa, que se compara a um jardim no qual

[147] *Idem*, p. 341-342.
[148] FLETCHER *apud* MCSHANE (2011), p. 359.
[149] MCSHANE (2011), p. 361.

sementes (ensinamentos) deviam ser plantadas[150]. A partir daí, faz-se um jogo verbal com o nome do bispo de Winchester Stephen Gardiner – o qual participou dos interrogatórios de Askew. O bispo aparece na história como sendo um jardineiro (*gardener*), e Anne Askew deseja que ele plante sementes verdadeiras em seu solo[151]. Entretanto, o jardineiro lança mentiras e zombarias[152]. O enredo da balada deixa claro que as sementes lançadas pelo jardineiro são os ensinos referentes à doutrina romana[153].

A balada faz referência à um período anterior àquele retratado nas Examinações, antes que Askew se convertesse às ideias reformadas. Por um tempo, Askew se deixa levar pelas enganações do jardineiro, porém, sua salvação vem do contato com as Escrituras[154] – nesse ponto, a balada é coerente com a narrativa das Examinações. Após um momento de arrependimento, Askew pede o perdão de Deus, que a fortalece[155]. As últimas estrofes são dedicadas à menção de sua morte. Anne Askew afirma não ter espaço para discorrer sobre o que causou o desfecho de sua vida, mas espera que todos os fiéis já saibam a respeito de seu fim[156]. Declara, também, que a sua esperança é de que mesmo o seu corpo tendo sido transformado em cinzas, ela ainda poderá desfrutar de uma nova vida no céu[157].

A referida balada do século XVII é, portanto, forte indício da popularidade alcançada pelas Examinações e mais um exemplo de apropriação da história de Anne Askew em benefício da causa protestante. Ao apresentar o Bispo Gardiner, um conservador, como enganador que se aproveita da fragilidade de uma mulher para "semear" suas doutrinas, o autor da balada mostra claramente a intenção de projetar o antagonismo às doutrinas de matriz romana. O fato de Askew ter sido despertada da

---

[150] "I am a Woman poore and blinde / And little knowledge remaines in me,/ Long have I sought and faine would I finde / What herbs in my garden were best to be. / A Garden I have which is unknowne, / That God of his goodnes gave unto me: / I meane my owne body wherein I would have sowne / The seede of Christs true veritie". ANON (1624).
[151] "With whole intente and one accord / Unto a Gardener that I did know: / I went and desired him for the love of the Lord / True seedes in my Garden for to sow." ANON (1624).
[152] "He fed me then with lyes and mocks (...)". ANON (1624).
[153] "In me was sowne all kinde of fained sedes, / with Popish ceremonies many a one, / Masses of Requiem with other Jugling deeds, / till Gods spirit out of my Garden was gone." ANON (1624).
[154] "No, Lord, I finde written in thy Testament, / that thou hast mercy enough in store." ANON (1624).
[155] "O Lord forgive me mine offence, / for I have offended thee very sore (...)". ANON (1624).
[156] "Because that now I have no space, / the cause of my death truely to show: / I trust hereafter by Gods holy grace, that faithfull men shall plainely know." ANON (1624).
[157] "Although to ashes it be now burned, / I know thou canst raise it againe, / In the same likenesse tht thou it formed, / in Heaven with thee evermore to remaine." ANON (1624).

enganação por meio da leitura dos Testamentos faz alusão à uma das ideias centrais da causa reformada: a suficiência das Escrituras[158]. Por fim, o modo como a morte é recebida, com serenidade e esperança em uma vida futura, ecoa a maneira como Foxe trabalha os momentos finais dos mártires em *Acts and Monuments*.

Apesar da preocupação de Bale e Foxe em remodelar o relato, seus esforços não foram garantias de que As Examinações de Anne Askew seriam recebidas como eles intencionavam. Por mais que a narrativa e os elementos paratextuais tenham sido construídos de modo a despertar certas impressões naqueles que leem, há ainda outro fator a ser considerado: a subjetividade do leitor. A maneira como este interpreta a obra está também ligada às suas vivências, opiniões e crenças, o que em alguns casos gerava entendimentos sobre as Examinações contrários ao enquadramento dado pelos primeiros editores[159].

Pode-se citar como exemplo os escritos de Robert Parsons (1546-1610), missionário jesuíta, que fez diversas críticas aos *Acts and Monuments* na obra *A Treatise of Three Conversions of England from Paganism to Christian Religion*, de 1604. Nesse livro, o jesuíta acusou o trabalho de Foxe de ser cheio de mentiras, falsificações e erros[160], dos quais a história de Anne Askew constituía um exemplo. Parsons, em divergência à apresentação feita por Bale e Foxe, interpreta Askew como "rebelde dissidente, cujas interpretações equivocadas da Bíblia a levaram a adotar comportamentos avessos aos que eram esperados de uma mulher"[161], chegando até mesmo a levantar suspeitas sobre a castidade dela[162]. Essa visão confronta diretamente a imagem construída por Foxe, de que Anne Askew seria exemplo a ser seguido por todos os homens[163]. No entanto, ainda que seja um contraponto ao enquadramento que John Bale e John Foxe fizeram à história de Anne Askew, a preocupação de Parsons em dirigir críticas a Askew também atesta a popularidade alcançada pelas Examinações.

---

[158] *Sola Scriptura*.
[159] FOXE (2006), p. 317.
[160] FOXE (2006), p. 258.
[161] PARSONS apud FOXE (2006), p. 262.
[162] "Anne Askue, suspected of dishonest life". As discussões acerca da interpretação de Parsons podem ser encontradas em FOXE (2006), p. 257-263.
[163] FOXE (1563), p. 733.

A repercussão do caso, mesmo décadas depois da morte de Anne Askew, é evidência do sucesso obtido por Bale e Foxe em utilizar as Examinações como defesa e difusão da causa reformada. Isso faz com que uma análise das intervenções desses editores na obra tenha grande relevância para compreender as estratégias das quais lançaram mão para alcançar o objetivo desejado.

Desse modo, o presente trabalho ocupou-se em demonstrar como os elementos paratextuais, aliados ao texto apresentado na obra, podem ser usados para instrumentalizar a narrativa, o que, entretanto, não impede o surgimento de novas e diferentes interpretações. A análise das intervenções editoriais de John Bale e John Foxe nas Examinações de Anne Askew mostrou o modo como eles buscaram remodelar o texto, apresentando Askew como mártir da causa reformada e vítima daqueles que defendiam a manutenção das práticas de fé romanas. O objetivo de ambos era semelhante, mas as estratégias apresentam diferenças. John Bale optou por uma intervenção mais efusiva, com comentários extensos e críticas diretas e até mesmo ofensivas aos inimigos da fé reformada. John Foxe, por outro lado, optou por uma abordagem mais discreta se comparada com a de Bale, mais sugestiva – como é o caso das poucas notas na marginália cuidadosamente posicionadas. A despeito das diferenças estratégicas, os dois editores foram eficazes no enquadramento dado às Examinações, apresentando Anne Askew como modelo de fé a ser seguido.

Portanto, a partir do estudo das Examinações de Anne Askew, a pesquisa conclui que a análise dos elementos paratextuais é fundamental para a compreensão do conjunto da obra. Por meio das intervenções editoriais e adições de elementos paratextuais, o mesmo texto pode comunicar mensagens distintas e servir a propósitos diversos. As Examinações, desse modo, constituem um trabalho conjunto entre autora, editores e colaboradores na atribuição de sentido à obra e na tentativa de exercer influência no que diz respeito à recepção e interpretação do texto. Assim, o resultado da pesquisa contribui para a compreensão das práticas editoriais e do uso da cultura impressa para difusão das ideias reformadas na Inglaterra do século XVI.

Fontes Primárias

ANON. **A Ballad of Anne Askew intiluled I am a woman poore and blind.** Imprinted at London: For T. P., [1624?]. Disponível em: <http://gateway.proquest.com/openurl?ctx_ver=Z39.88-2003&res_id=xri:eebo&rft_id=xri:eebo:citation:99893118>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

ANON. **Anne Askew, intituled, I am a vvoman poor and blind.** [London: s.n., 167-?]. Disponível em: <http://gateway.proquest.com/openurl?ctx_ver=Z39.88- 2003&res_id=xri:eebo&rft_id=xri:eebo:citation:13098937> Acesso em: 25 de maio de 2017.

ASKEW, Anne. **The first examinacyon of Anne Askewe lately martyred in Smythfelde, by the Romysh popes vpholders, with the elucydacyon of Iohan Bale**. [Imprented at Marpurg in the lande of Hessen [i.e. Wesel: Printed by D. van der Straten], in Nouembre, anno 1546]. Disponível em: <http://gateway.proquest.com/openurl?ctx_ver=Z39.88- 2003&res_id=xri:eebo&rft_id=xri:eebo:citation:99836131>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

ASKEW, Anne. **The lattre examinacyon of Anne Askewe latelye martyred in Smythfelde, by the wycked Synagoge of Antichrist, with the Elucydacyon of Iohan Bale**. [Imprented at Marpurg in the lande of Hessen [i.e. Wesel: Printed by D. van der Straten], 16, die Ianuarij, anno 1. 5. 4. 7.] [1547]. Disponível em: <http://gateway.proquest.com/openurl?ctx_ver=Z39.88- 2003&res_id=xri:eebo&rft_id=xri:eebo:citation:99844702>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

ASKEW, Anne. **The first examinacio[n] of Anne Askewe latelye martired in Smythfelde, by the Romyshe popes vpholders, wyth the elucydacyon of Iohan Bale.** [Imprynted at Marpurg in the lande of Hessen [i.e. London: Printed by Nicholas Hill?], in Nouembre. Anno 1546 [1547?]]. Disponível em: <http://gateway.proquest.com/openurl?ctx_ver=Z39.88-2003&res_id=xri:eebo&rft_id=xri:eebo:citation:99849964>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

ASKEW, Anne. **The first examination of the worthy seruant of God, Mastres Anne Askew the younger doughter of Syr William Askew Knyght of Lincolne shyre: lately martyred i[n] Smythefelde, by the Romyshe Popesvpholders. Anne Askew stood faste by this veritee of God, to the ende**. [London: W. Hill, 1548?]. Disponível em: <http://gateway.proquest.com/openurl?ctx_ver=Z39.88- 2003&res_id=xri:eebo&rft_id=xri:eebo:citation:99851087>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

ASKEW, Anne. **The first examination of the worthy seruant of God, Maistres Anne Askew ye Young daughter of Sir William Askew Knight of Lincolne shyre: lately martyred i[n] Smythefeelde, by the Romyshe Popesvpholders. Anne Askew stood fast by this veritie of God to the end.** [London: s.n., ca. 1560]. Disponível em: <http://gateway.proquest.com/openurl?ctx_ver=Z39.88- 2003&res_id=xri:eebo&rft_id=xri:eebo:citation:99844706>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

ASKEW, Anne. **The first examination of the worthy seruant of God, Mystresse Anne Askew the younger daughter of Syr VVilliam Askew Knight of Lincolne-shire: lately martyred in Smith-fielde, by the Romysh antichristianbroode.** At London: Printed by Robert Waldegraue, dwelling without Temple-bar, in the Strond, neerevnto Sommerset-house, [1585?]. Disponível em: < http://gateway.proquest.com/openurl?ctx_ver=Z39.88-2003&res_id=xri:eebo&rft_id=xri:eebo:citation:99849693>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

FOXE, John. **Actes and monuments of these later and perillous dayes touching matters of the great persecutions [and] horrible troubles, that haue bene wrought and practised by the Romishe prelates, speciallye in this realme of England and Scotlande, from the yeare of our Lorde a thousande, vnto the tyme nowe present. Gatheres and collectes according to the true copies [and] wrytinges certificatorie, as wel of the parties them selues that suffered, as also out of the bishopsregisters, which wer the doers therof, by Iohn Foxe.** Imprinted at London: By Iohn Day, dwellyng ouer Aldersgate. Cum priuilegio Regi[a]e Maiestatis, [1563 (20 March)]. Disponível em: <http://gateway.proquest.com/openurl?ctx_ver=Z39.88- 2003&res_id=xri:eebo&rft_id= xri:eebo:citation:99857159>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

Bibliografia

BARCHAS, J. **Graphic design, print culture, and the Eighteenth-Century Novel**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BEILIN, E. **The Examinations of Anne Askew**. New York: Oxford University Press, 1996.

BEILIN, E. V. **Redeeming Eve:** Women Writers of the English Renaissance. Princeton: Princeton University Press, 1987.

BETTENSON, H. **Documentos da Igreja Cristã**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Aste, 1967.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**. 141. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1959 (impressão 2001).

BÍBLIA. **Bíblia King James Atualizada**. [S.l.]: Abba Press & Sociedade Bíblica Ibero-Americana, 2011.

CRAWFORD, P. **Women and Religion in England:** 1500-1720. New York: Routledge, 2001.

DOBRANSKI, S. B. The Birth of the Author: The Origins of Early Modern Printed Authority. In: DONOVAN, S.; FJELLESTAD, D.; LUNDÉN, R. **Authority Matters:** Rethinking the Theory and Practice of Authorship. Amsterdam: Rodopi, 2008. p. 23-46.

EUSÉBIO. **História Eclesiástica**. São Paulo: Novo Século, 2002.

FAIRFIELD, L. **John Bale, Mythmaker for the English Reformation**. Oregon: Wipf & Stock Publishers, 2006.

FREEMAN, T. S.; WALL, S. E. Racking the Body, Shaping the Text: The Account of Anne Askew in Foxe's "Book ofMartyrs". **Renaissance Quarterly, Vol. 54, nº. 4**, Chicago, 2001. p. 1165-1196.

GENETTE, G. **Paratexts:** Thresholds of Interpretation. New York: Cambridge University Press, 1997.

GODFREY, W. R. What Do We Mean by Sola Scriptura? **Reformed Perspectives Magazine, Volume 9, Number 16**, abril 2007. Disponivel em: <http://reformedperspectives.org/articles/rob_godfrey/rob_godfrey.solascriptura.pdf>. Acesso em: 19 outubro 2017.

HAIGH, C. The Reformation in England to 1603. In: HSIA, R. P.-C. **A Companion to the Reformation World**. Padstow: Blackwell Publishing, 2004.

HICKERSON, M. L. 'Ways of Lying': Anne Askew and the Examinations. **Gender & History, vol. 18, nº 1**, Abril 2006. p. 50-65.

KEMP, T. D. Translating (Anne) Askew. The Textual Remains of a Sixteenth-Century Heretic and Saint. **Renaissance Quarterly, Vol. 52, No. 4**, Chicago, 1999. p. 1021-1045.

KING, J. N. **Anne Askew:** The Early Modern English Woman: A Facsimile Library of Essential Works. Chippenham: Scolar Press, 1996.

KING, J. N. **Foxe's Book of Martirs and Early Modern Print Culture**. New York: Cambridge University Press, 2006.

KING, J. N. Introduction. In: FOXE, J. **Foxe's Book of Martyrs:** Select Narratives. New York: Oxford University Press, 2009.

LOEWENSTEIN, D. Writing and the persecution of heretics in Henry VIII's England: The Examinations of Anne Askew. In: LOEWENSTEIN, D.; MARSHALL, J. **Heresy, Literature, and Politics in Early Modern English Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 11-39.

LOVE, H. **Attributing Authorship:** An Introduction. New York: Cambridge University Press, 2002.

MACCULLOCH, D. **The Reign of Henry VIII:** Politics, Policy and Piety. Londres: MACMILLAN PRESS LTD, 1995.

MARTIN, R. **Women Writers in Renaissance England**. Londres: Pearson Education Limited, 2010.

MCCLENDON, M. C. Religious toleration and the Reformation: Norwich magistrates in the sixteenth century. In: TYACKE, N. **England's Long Reformation 1500–1800**. Londres: University College London Press, 2003.

MCSHANE, A. Ballads and Broadsides. In: RAYMOND, J. **The Oxford History of Popular Print Culture, Volume 1:** Cheap Print in Britain and Ireland to 1660. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 339-362.

MUELLER, J. Literature and the church. In: LOEWENSTEIN, D.; MUELLER, J. **The Cambridge History of the Early Modern English Literature**. New York: Cambridge University Press, 2003.

MURRAY, P.; MURRAY, L. **The Oxford Companion to Christian Art and Architecture**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

PENDER, P. **Early Modern Women's Writing and the Rhetoric of Modesty**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

SMITH, H.; WILSON, L. **Renaissance Paratexts**. New York: Cambridge University Press, 2011.

WALLIS, F. **Bede:** The Reckoning of Time. Liverpool: Liverpool University Press, 1999.

WEIMER, A. C. **Martyrs' Mirror Persecution and Holiness in Early New England**. New York: Oxford University Press, 2011.

Declaração de autenticidade

Eu, Thalyta Valéria Castro de Oliveira Lucena, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “As intervenções editoriais nas Examinações de Anne Askew” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 01 de dezembro de 2017

Thalyta Valéria Castro de Oliveira Lucena